

ARUANDA

E

ÉDEN:

POR QUE TÃO

DISTANTES



RAQUEL RIBEIRO MARTINS

ARUANDA E ÉDEN:
POR QUE TÃO

D I S T A N T E S ?

*AO meu
querido mestre...
obrigado pelas
instruções, pela
dança + pela arte!
Um abraço carinhoso
da sua admiradora,
Raquel*

26/11/03

CAMPINAS

2003



RAQUEL RIBEIRO MARTINS

ARUANDA E ÉDEN:
POR QUE TÃO

D I S T A N T E S ?

Monografia apresentada para obtenção
do título de Licenciatura em Educação
Física, pela Faculdade de Educação
Física da Universidade Estadual de
Campinas, sob orientação da Profa.
Dra. Eliana Ayoub.

CAMPINAS

2003

Prof. Dra. Eliana Ayoub (orientadora)

Prof. Dr. Adilson Nascimento de Jesus

Prof. Dr. Jocimar Daolio

*Dedico esse trabalho a todos
engajados na luta contra o
preconceito racial, aos professores
de Educação Física, à minha família,
e ao Diogo, meu companheiro
inseparável, o grande amor da
minha vida.*

"Bom dia,
elemento rente
Obrigado pelo teu
Sustento,
Poeira de estrada
Leressa de asa
Fermento
De correnteza"

JOÃO ANGELO
SALVADORI

AGRADECIMENTOS

Não há como não pensar primeiramente neles... minha mãe e meu pai. Agradeço imensamente a oportunidade que vocês me deram de vivenciar esse mundo universitário que tão poucos no Brasil têm acesso. Mamãe, a saudade me fortaleceu durante todo esse tempo que fiquei longe do seu colo. Papai, obrigada por seu apoio, por sua preocupação e por sua doação.

Minha infinita família. Às minhas irmãs Pati e Ana Carolina, ao meu irmão André, à Taiana (nossa mascote da casa), à Francisca, aos novos membros Stela e Renan. Sou eternamente grata por tudo que vivenciamos e pela prazerosa companhia de cada um. Às minhas crianças, luz da minha vida... Minhas sobrinhas Uilca-Terra e Laís e meus sobrinhos “postigos”: André, Otávio e Pedro.

À minha família campineira... todas as meninas que já passaram por aquele “dois quartos” no Cambuí. Bruna, Stela Barcelos, Tais, Patrícia Bertozzi, Myrna e Fernanda Solana: jamais esquecerei os nossos pães de queijo, foundes, miojos (argh!) e afins... nossas baladas, nossas risadas, nossas conversas.

Às minhas amigas e aos meus amigos de Brasília que sempre me apoiaram muito nas minhas decisões, que, mesmo longe, sempre estiveram por perto: Flávia, Catarina, Israel, Marco e Carlos.

Aos meus amigos e às minhas amigas do samba: Alana, Lisiane, Luciana, Talita, Rogério, Vera, saudoso Tiba, pessoal do “Panela Preta”. Companheiros e companheiras de diversão... “Obrigado do fundo do nosso quintal!” Vou sentir muita saudade de todos, mas “o show tem de continuar...”.

Lugares por onde passei durante a minha graduação, estágios nos quais aprendi sobre Educação Física, sobre ser educadora, sobre os educandos e as educandas, sobre as pessoas, sobre a vida...

... Agradeço a todo pessoal do colégio Anglo (unidade Taquaral), onde eu comecei a dar meus primeiros passos na Educação Física escolar, onde eu descobri que tipo de Educação Física eu queria ensinar.

... A todos os funcionários da extinta fábrica de maionese da Gessy Lever de Valinhos. Sempre me diverti muito com vocês! Ao Turuta, meu companheiro de estágio no

terceiro turno... Valeu pelas caronas, pelas conversas, pelas risadas, pela companhia fraterna.

... A todos que fizeram parte da Secretaria Nacional do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) em 2001 e que organizaram o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte nesse mesmo ano. Cesinha, Carmem, Dulce, Professor Lino, Professor Jocimar, Silvia, Belém... apesar do cansaço, a aprendizagem foi enorme.

... Ao pessoal do Alphaville Campinas Clube, a ex-chefinha Débora e aos estagiários Marquinho, Luciana Vaz, Henrique Barcelos, Carol Mineira, Carolzinha (amiga feff!), Karina, Cíntia, João Paulo, Michel, Mallet e Larissa. Reuniões nas segundas-feiras e finais de semana ricos em aprendizado. Obrigado por entenderem as minhas ausências e por me ajudarem nas crises existenciais.

... A todo pessoal do SESC. Professores, coordenadores e colegas de estágio. Carolzinha, Felipe, Fernando Novaes e Fernando Brasileiro: vitória para nós... sobrevivemos aos minutos marcados no futebol e aprendemos muito com isso e com outras coisas. Carlão e Osmar, nunca vou esquecer das nossas risadas. Como me diverti com vocês!

... Aos alunos e às alunas da Escola Estadual Adalberto Prado e Silva. Foi muito bom dar aula para vocês. Obrigada pelas trocas! Aos meus colegas de estágio Cinthia e Felipe: tivemos frutos com nosso trabalho, aprendemos com todas as dificuldades e continuamos sonhando.

Pessoas que encontrei no caminho da Educação Física... A todos os colegas da minha turma. Como o tempo passa rápido, não é mesmo? Foi muito prazeroso dividir esse caminho com vocês! Agradecimentos especiais às pessoas que passei a admirar nesse percurso (Carolzinha, Felipe, Marina, Simone, Carol Scolfaro, Alexandre, Robertinha, Lígia, Fer Pira) e às pessoas com quem eu me diverti muito (Helena, Michel, Diego, Fer Caraguá, Bia, Melissa, Pedro, Fernando Itajubá, Fernando Catanduva, Vanessa, Turuta). Aos colegas que não são da minha turma... pérolas que eu descobri nesse mesmo caminho: Éden, Marquinho, Fer Ferro, Débora, Andresa, Maira, Natacha, Leandro, Kleber, Fernanda Antonelli .

Aos professores da Faculdade de Educação Física, da Faculdade de Educação, da Faculdade de Biologia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Obrigada pelas aulas,

pelo conhecimento, pela experiência de vida, pelo contato humano, pelo respeito e pela paciência. Agradeço, em especial, aos professores com os quais eu me identifiquei: Jocimar, Adilson, Carminha, Nana e Bramante. Vocês são exemplos de incentivo à docência. Como foi bom tornar-me educadora em contato com vocês.

À minha querida orientadora Nana. Você é simplesmente maravilhosa! Obrigada por me abraçar, por me incentivar e por me mostrar a minha capacidade. Não tenho palavras para descrever sua competência. Você tem amor pelo que faz!

Aos funcionários da Faculdade de Educação Física. Pessoal da biblioteca, do áudio-visual, do ginásio, da limpeza... sem vocês a faculdade ficaria parada. Agradeço toda paciência e disponibilidade.

Ao pessoal do curso técnico de teatro do Conservatório Carlos Gomes. Sem palavras, né gente?! Aos meus queridos professores, Abílio, Valtinho, Edson, Helô, Ângela Nagai, Marcelo Onofre, Fátima, Hugo Vidal. Obrigada, vocês são verdadeiros artistas. Pessoal da minha turma, cuidem-se e não percam as oportunidades. À minha "panela", Pri, Bárbara, Paulinha e Melissa, amo vocês de verdade.

Agradeço em especial ao meu grande companheiro Diogo. Meu amor, obrigada por você sempre estar ao meu lado, por me apoiar de coração aberto em todas as minhas aventuras, por ser tão compreensivo, por ser você e por fazer parte da minha vida. Te amo muito! Entrego a você esse trabalho.

RESUMO

Brasil: um país mestiço e sem preconceito racial. A sentença é realmente atraente e lógica, mas não é de todo verdadeira. Temos sim uma população formada por descendentes de índios, africanos, europeus, asiáticos... Mas isso não está diretamente ligado à ausência do racismo e da discriminação racial. Temos uma trajetória de construção da hegemonia branca formada pela escravidão, pela marginalização do negro em nossa sociedade, pelo estereótipo do negro ladrão, sambista e jogador de futebol, da mulata “fogosa”, sensual e exótica, pela fixação de um único padrão estético baseado nas mulheres brancas e, finalmente, pela ideologia de uma democracia racial. Um racismo enraizado e silencioso, no qual brancos e negros fingem igualdade social e aceitam a realidade como dada e finita, não como construída e passível de transformação.

Dentro desse quadro, o negro vai à escola, frequenta as aulas de Educação Física... A minha pesquisa procura encontrar caminhos (não respostas definitivas!) para as questões que relacionam o preconceito racial, o universo escolar e a Educação Física, que tem como conhecimento a cultura corporal. Partindo do referencial teórico das Ciências Humanas, trago essas questões num texto literário: uma dramaturgia. Um caminho que encontrei para refletir sobre o assunto de forma mais à vontade, mas não menos rigorosa cientificamente. A partir da personagem principal, uma mulher negra, as inquietações são levantadas e discutidas com os outros personagens. Uma história, uma pesquisa bibliográfica, um trabalho artístico, social e científico.

ABSTRACT

Brazil: a mestizo country without racial prejudice. The sentence is really attractive and logical, but it is not of all true one. We do have a population formed by descendants of Indians, African, European, Asian... But that is not directly linked to the absence of racism and racial discrimination. We have a trajectory of construction of the white hegemony formed by slavery, by a black's place in our society, by the black man stereotype of thief, "sambista" and soccer player, by the black women stereotype of sensuality and exoticism, by the fixation of an only esthetic pattern based on the white women and, finally, by the ideology of a racial democracy. A taken root racism and silent, in which white and blacks fake social equality and accept the reality as given and finite, not as built and possible to be transformed.

Inside of that picture, the black is going to school, the black is taking Physical Education classes... My research tries to find roads (not definitive answers!) for subjects that relate the racial prejudice, the school universe and the Physical Education, that has as knowledge the corporal culture. Leaving of the theoretical referential of Human Sciences, I bring those topics in a literary text: a drama text. A choice that I made to write about the subject in a more comfortable, but not less rigorous way. Starting from the main character, a black woman, the inquietudes are lifted up and discussed with the other characters. A history, a bibliographical research, an artistic, social and scientific work.

SUMÁRIO

PERSONAGENS	13
ATO I	15
ATO II	35
ATO III	68
ATO IV	89
BIBLIOGRAFIA	102

PERSONAGENS

NANÁ KENU: mulher negra que fala de sua vida, de seus encontros e desencontros permeados pela complexa formação de sua identidade negra diante da discriminação racial e da ideologia da hegemonia branca presentes na sociedade brasileira.

ANDRESA MARIA: mãe de Naná Kenu.

ESPELHO: espelho personificado que dialoga com Naná.

MARCO ANTÔNIO: professor de Educação Física da escola pública onde Naná estudou.

DONA CORALI: diretora da segunda escola onde Naná estudou.

CLARA: colega de classe de Naná. Uma menina que sempre estudou com Naná. Branca, alta, magra, loira.

CAUÊ: amigo negro de Naná desde sua infância. Sempre estudaram na mesma sala. Sempre foi um grande amigo de Naná

DIOGO: um rapaz negro que Naná conheceu e com quem ela aprendeu muita coisa.

IRMÃO DE CAUÊ: irmão do grande amigo de Naná.

PROFESSORA: deu aula pra Naná logo quando ela começou a freqüentar a escola.

DIRETORA: diretora da primeira escola onde Naná estudou.

"SE PRETO DE ALMA
BRANCA PRA VOCÊ É O
EXEMPLO DE DIGNIDADE
NÃO NOS AJUDA SÓ
NOS FAZ SOFRER
NEM RESGATA NOSSA
IDENTIDADE"

George Aragão

"DE QUE VALE SEU
CABELO LISO E AS IDÉIAS
ENROLADAS DENTRO DA
SUA CABEÇA"

Ana Carolina

ATO I

Descobrimo Édén... Descobrimo Aruanda

Naná já adulta, mulher formada. Fica parada, em pé, (fundo do palco) em cena assistindo um trecho de sua infância, uma de suas conversas com sua mãe. Conversas nas quais ela sempre perguntava, perguntava, perguntava... como se precisasse saber tudo sobre o mundo, como se quisesse devorar tudo o que sua mãe tivesse para dizer. A cena da infância ocorre no “procene”. Naná, ainda criança, nos seus oito anos de idade, está em cena, lendo um livro.

NANÁ KENU

O Jardim do Édén é o “(...) paraíso terrestre, (...) cortado por quatro rios (...), cujos leitos caudalosos são de ouro e prata, safira e rubis, por onde correm leite e mel, em cujas montanhas derramam-se pedras preciosas, habitado por gentes belas, indômitas, doces e inocentes como no Dia da Criação, promessa de felicidade perene e redenção”.¹ *(Ainda olhando para o livro como se estivesse lendo mais sobre esse novo lugar). Mãe... mãe, (fechando o livro e falando mais alto) meu vô está no Édén?*

ANDRESSA MARIA

(Fala da coxia) Seu avô está morto, minha filha.

NANÁ KENU

Eu sei, mas ele foi pro Édén, não foi? Aqui nesse livro está escrito que lá é o lugar pra onde as pessoas boas vão, um lugar bonito. Acho que é um nome que eles deram pro céu, mas eu não entendi muito bem. Eu não sei se é no céu ou se é aqui na terra mesmo.

ANDRESSA MARIA

Não, Naná. Seu avô não foi pro Édén.

¹ CHAUI, 2000, p.61.

NANÁ KENU

Mas por que, mamãe? Ele não era uma pessoa boa?

ANDRESSA MARIA

Era sim, minha filha. Mas seu avô está em Aruanda, é pra lá que ele foi.

NANÁ

Aruanda? Aqui no livro não fala desse lugar, mamãe. Onde que ele fica? É lugar de gente boa também?

ANDRESSA MARIA

Aruanda é o céu do povo negro. É pra onde as pessoas boas negras vão depois que morrem.

NANÁ

Então, no Éden não tem nenhum negro?

ANDRESSA MARIA

Não, minha filha. O Éden é o paraíso dos brancos.

NANÁ

E eles são muito longe um do outro, minha mãe?

ANDRESSA MARIA

Devem ser, Naná. Se eles fossem perto, acho que não haveria necessidade de existir os dois lugares.

NANÁ

Mas e eu, mamãe, pra onde que eu vou?

ANDRESSA MARIA

Por que essa pergunta agora, minha filha. Cê ta muito longe de morrer, Naná!

NANÁ

Eu sei... mas pra algum lugar eu vou ter que ir. Eu sou mais ou menos preta e mais ou menos branca. Eu não sou tão preta como o vovô pra ir pra Aruanda, mas também não sou tão branca como o papai, que foi pro Éden, porque ele sempre se comportou muito bem. Então, pra onde será que eu vou? Pra qual céu será que Deus vai me mandar?

ANDRESSA MARIA

Pra qual você quer ir, Naná?

NANÁ

Ah, não sei... Eu posso escolher, é? Acho que quero ir pro mais bonito, mas também quero ficar perto do vovô, de você, do papai, da tia Dora. Sabe, eu não quero ter que ficar longe de ninguém da minha família e de nenhum dos meus amigos que eu gosto muito porque...

ANDRESSA MARIA

(Interrompendo Naná) Mas você não pode escolher não, minha filha. Você vai é pra Aruanda.

NANÁ

E é você que decide isso, mamãe?

ANDRESSA MARIA

Não. É o mundo que te manda pra lá... Mas até a sua hora, quem sabe tudo já mudou, não é?

NANÁ

E essas coisas mudam, mamãe? Éden e Aruanda não vão ficar para sempre no mesmo lugar? Como é que eles se movem? Como é que a gente sabe que eles não estão mais no mesmo lugar? Será que eles vão ficando mais perto com o tempo?

ANDRESSA MARIA

Calma, Naná! É muito pergunta, menina. Cada coisa ao seu tempo. Você é muito curiosa, quer sempre saber mais e mais das coisas... Fique tranqüila, minha filha, que nenhuma de suas perguntas vai ficar sem resposta.

A Naná da infância sai de cena. A Naná adulta, mulher, vai para o "procênio" ainda com as palavras de sua infância e as respostas de sua mãe dançando confusamente em sua cabeça, em seu corpo e em seu espelho. Espelho, companheiro de Naná durante todos esses anos. Sempre ali ao seu lado, refletindo tudo que se passava com ela, deformando imagens, construindo formas, negando momentos e afirmando padrões.

NANÁ

Ah, aquele era um tempo que eu achava que não sofria tanto... Não me sabia nem negra, nem branca. Sabia-me apenas criança, ser humano. Aos poucos, fui descobrindo as coisas. Encontrei bem perto de mim Aruanda e Éden. Talvez não na forma de paraíso como eu os imaginava, mas muito longe um do outro como minha mãe, aquela vez, havia me contado.

ESPELHO

Naná... pare de lembrar, mulher. Tanta coisa a fazer! Concentre-se. Não dá pra perder tempo com essas coisas.

NANÁ

(Sem dar atenção ao que foi dito, sem realmente ter ouvido, continua seu pensamento)
Tantas coisas que eu perguntei, tantas respostas foram dadas. Só agora consigo organizar meu pensamento. Minhas idéias não estão mais claras, mas com certeza são mais minhas e ainda confusas. O meu posicionamento não está mais branco, mas está mais firme. E o meu espelho tem me dado muito trabalho.

ESPELHO

Mulher negra, toma jeito! Não quer vencer na vida? Deixa essa indolência que é própria da raça.² Vá à luta se quer ser alguém!

NANÁ

Foi querendo ser alguém que eu conheci um mundo branco que não era meu e um mundo negro do qual eu me recusava a fazer parte. Hoje eu percebo que foi em mais uma das minhas conversas com Dona Andresa que comecei a entender o que é raça³ e a compreender, confesso que não muito bem, o preconceito, a discriminação racial e o racismo.

O espelho tenta mais uma vez chamar a atenção de Naná. Tenta tirá-la do universo rico de suas memórias no qual ela se encontra completamente mergulhada.

ESPELHO

Não vá mexer nisso, minha querida. Só eu sei como você já sofreu por sua pele escura, já chorou por seu cabelo crespo e rezou a Deus por feições mais finas. Pra que mais sofrimento? Você sabe que é diferente: uma mulher tão inteligente, bonita, educada... tão humana.⁴ Você não precisa de mais nada!

² “A força persuasiva dessa representação [crença generalizada de que o Brasil é um país sem preconceito] transparece quando a vemos em ação, isto é, quando resolve imaginariamente uma tensão real e produz uma contradição que passa despercebida. É assim, por exemplo, que alguém pode afirmar que os índios são ignorantes, os negros indolentes, (...) as mulheres são naturalmente inferiores, mas, simultaneamente, declarar que se orgulha de ser brasileiro porque somos um povo sem preconceitos e uma nação nascida da mistura de raças” (CHAUI, 2000, p.8).

³ “Ao falar em raça, considero os diversos grupos étnicos e raciais que formam o nosso país. Estou ciente de que existe muita polêmica (...) quanto ao uso do termo raça. Alguns intelectuais o rejeitam, adotando etnia como o mais adequado para discutir as relações entre negros e brancos no Brasil. Muitos deles consideram que os antecedentes históricos e acadêmicos do conceito raça o compromete, pois o termo está ligado à dominação política e à antropologia física. (...)”

Por mais que essa postura seja uma contribuição ao estudo sobre as relações raciais no Brasil e consiga justificar teoricamente o uso de etnia, na prática social, quando se discute a situação do negro na sociedade brasileira, raça é ainda o termo mais adotado pelos sujeitos sociais. É também o que consegue se aproximar da real dimensão do racismo presente na sociedade brasileira. Dessa forma, o Movimento Negro e alguns cientistas sociais quando falam em raça não o fazem mais alicerçados na idéia de purismo racial tampouco de supremacia racial. Ao contrário, usam essa categoria com uma nova interpretação, baseados em uma reaproximação social e política, construídas pelos próprios negros” (GOMES, 2001, p.84).

⁴ “O irracional, o feio, o ruim, o sujo, o sensitivo, o superpotente e o exótico são as principais figuras representativas do mito negro. Cada uma delas se expressa através de falas características, portadoras de uma

Naná olha para o espelho fixamente por alguns segundos. Fica feliz com o que vê, parece que sua imagem encontra-se cada vez menos refletida naquele universo. O que ela vê dá ainda mais alegria e satisfação à sua lembrança.

NANÁ

Foi quando ela me contava aquela história sobre o povo africano, aquela que tem músicas, aquela que ela ainda me conta até hoje: “De todas as tradições...

A mãe de Naná não entra em cena, apenas a sua voz dá continuidade à história que Naná já começou. A história pertence à memória de Naná Kenu, assim como aquela voz.

ANDRESA MARIA

“... mais africanas, há uma à qual se pode votar um interesse particular. É a tradição das canções. Cantar. Cantar tudo. Cantar a natureza, o animal, o homem, o bem como o mal; cantar por cantar. É isso, principalmente no Mandinga, o que significa a arte.

Esta velha tradição vem-nos de nossos antigos narradores, aqueles que, contudo, afirmavam que ‘a palavra como o homem’...

Portanto, é errado pensar que somente o ritmo do batuque traduz os sentimentos profundos do Negro. Os Africanos adoram as danças frenéticas ao luar, mas eles sabem também se recolher e meditar seriamente à volta de uma fogueira, enquanto um Narrador, fazendo-se acompanhar das melodiosas notas de seu Cora...

Naná interrompe sua lembrança.

NANÁ

Nessa hora, eu sempre perguntava: “Mamãe, o que é um Cora?” Ela respondia pacientemente todas as vezes que já havia me dito antes que era uma guitarra africana. Dava-me um beijo no rosto e continuava sua história.

mensagem ideológica que busca afirmar a linearidade da ‘natureza negra’ enquanto rejeita a contradição, a política e a história em suas múltiplas determinações” (SOUZA, 1983, p.27).

A voz de Dona Andresa Maria volta a guiar as lembranças de sua filha.

ANDRESA MARIA

“... celebra o passado, ou evoca elementos majestosos da natureza: rio, montanha, floresta, firmamento, etc...”

É por isso que nós nos esforçamos por cantar, ao som de uma guitarra, cenas de nossas aldeias de África.”⁵

Naná ainda continua emergida em sua memória.

NANÁ

Depois disso, ela canta várias músicas que minha avó a ensinou, que por sua vez aprendeu com minha bisavó e assim sempre foi. Nós cantamos e dançamos muito. Músicas que eu aprendi a cantar e a dançar, que eu sempre gostei de cantar e de dançar, músicas da minha família, danças da minha casa⁶. E com o tempo eu aprendi que elas tinham que ficar aqui, que não deveriam sair daqui, não podiam ir pra nenhum outro lugar, principalmente pra escola.

Novamente em suas recordações, Naná dá espaço agora para sua colega de classe Clara. Uma lembrança não muito agradável, mas um caminho para descobertas.

CLARA

Eu não quero cantar essa música de preto não, professor! Muito menos dançar que nem preto. A minha mãe vai brigar comigo se eu fizer isso.

Naná conversa com as suas recordações, experiências ainda vivas. Procurando compreendê-las ou tentando justificar-se. Coisas que precisavam ser ditas naquele

⁵ SILVA, s.d., p.195.

⁶ “Mas o que é mais interessante nesse enfoque [do termo ‘técnica corporal’ criado por Marcel Mauss] é que ele permite o estudo do corpo e do movimento humanos como expressões simbólicas, já que toda prática social tem uma tradição que é passada às gerações por meio de símbolos. (...) Quem transmite acredita e pratica aquele gesto. Quem recebe a transmissão aceita, aprende e passa a imitar aquele movimento. Enfim, é um gesto eficaz” (DAOLIO, 1994, p.48).

momento passado, mas ela ainda não sabia dessa importância toda. De qualquer forma, o momento ainda existia, ainda vivia em Naná. As palavras tinham de ser ditas.

NANÁ

Música de preto? Dança de preto? Eu não sabia que eu cantava alguma coisa que era proibida na escola e que o jeito que eu dançava era ruim. Eu só fiz a tarefa que foi pedida.

É a vez do professor de Educação Física de Naná criar voz. Voz que ecoa nos poros de Naná e são lembradas, a cada fase de sua vida, de uma forma diferente. A lembrança é compreendida e, portanto, problematizada.

MARCO ANTÔNIO

Na próxima aula de Educação Física, cada um deve trazer a letra de uma música que os pais ensinaram a vocês. A gente vai cantar a música de todo mundo e fazer uma dança para cada música.

Naná continua o diálogo com suas vivências.

NANÁ

Foi isso que eu fiz, professor. Escrevi a música no papel e levei pra aula de Educação Física. Estava tão feliz que eu ia mostrar pra todo mundo a música que a minha mãe havia me ensinado. Eu estava tão ansiosa! Mas eu não sabia que era proibido. O senhor não falou, professor, que era proibido levar “música de preto”. Falou? Você nem me explicou o que era “música de preto” e o que era “dança de preto”. Se eu soubesse, eu não teria levado aquela música. Levaria uma música igual à da Clara. Eu levaria uma música igual à dela, mesmo não tendo aprendido com a minha mãe, mesmo sem gostar muito. Eu levaria pra cumprir a tarefa e pra não incomodar. Eu não fiz por mal. E você, professor, fez por mal?⁷

⁷ “A criança negra, na escola, é impedida de se expressar corporalmente como pertencente a esta cultura. A dinâmica escolar exige dela uma rigidez incompreensível; corta seus canais sensitivos de participação e, como já foi dito, a inteligência só é possível quando antes atinge nossos sentidos” (ROMÃO, 2001, p.167).

MARCO ANTÔNIO

Naná, talvez seja melhor você pedir outra música pra sua mãe e aí a gente canta na aula que vem, tá? A sua música é mesmo um pouco diferente das músicas dos seus coleguinhas. Os pais deles podem não gostar, tá bom?⁸ Aula que vem você traz uma, pode ser qualquer uma que você ouvir no rádio.

NANÁ

Eu não sabia que tinha que levar uma música igual ao dos meus colegas. E se minha mãe não gostasse das músicas dos meus colegas? Por que o professor não perguntou isso pra mim? Muita rejeição, muita decepção porque eles não gostaram da minha música. Hoje eu penso que não foi só a música.

MARCO ANTÔNIO

Bom, então quem vai ser o próximo? Vamos ver que música o Cauê trouxe.

CAUÊ

A minha música é assim: “Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar...”

NANÁ

E todo mundo esqueceu da minha música. Eu fiquei tão triste. Eu não consegui entender porque que as pessoas não gostaram da minha música. Eu chorei, chorei muito quando cheguei em casa⁹.

ESPELHO

Chorou e soluçou. Parecia uma macaquinha de tão descabelada que você ficou! Mas essas coisas acontecem na escola, sempre tem uma briguinha, uma discussão, coisa de criança.

⁸ “Na escola, por exemplo, a criança recebe cotidianamente estímulos negativos em relação a sua cultura e, sobretudo, sua personalidade cultural e étnica. (...) Essa negação de personalidade promove uma negação de identidade, ou seja, a criança é levada a pensar que sua realidade cultural, social e familiar não é adequada como forma de incorporá-la em outras relações sociais e grupais” (ROMÃO, 2001, p.174).

⁹ “Não só o choro, mas toda uma série de expressões orais de sentimentos não são fenômenos exclusivamente psicológicos ou fisiológicos, mas sim fenômenos sociais, marcados por manifestações não-espontâneas e da mais perfeita obrigação” (MAUSS apud DAOLIO, 1994, p.43).

Naná ouve a fala do espelho, mas não o responde. Ela pensa sobre o que foi dito e conversa consigo mesma.

NANÁ

Coisa de criança e coisa de professor... Descobri que era coisa da escola. Minha mãe que me ajudou a enxergar. Ela nunca me disse as coisas por inteiro. Ela me dava umas pistas e eu ficava pensando, pensando. As palavras dela borbulhavam na minha cabeça como se fossem ingredientes de uma poção. E depois de muito mergulhar em suas palavras, é que eu fazia várias poções, combinando os ingredientes das mais diversas formas. Assim aconteceu naquele dia da aula de Educação Física.

O semblante de Naná está mais calmo ao sentir que é a voz da mãe que está a caminho. Uma voz sábia, carinhosa e ponderada que Naná Kenu degusta com todos os sentidos.

ANDRESA MARIA

Naná, você precisa compreender que a sua colega talvez não tenha gostado da sua música por ela ser diferente da dela. Ela sempre ouviu as pessoas dizerem que os costumes dela são os melhores e os corretos. Ela aprendeu isso. Por isso que sua amiga pensa assim. O jeito que seu professor agiu faz ela pensar que está certa. Ele não deveria ter feito o que fez. Mas provavelmente ele não aprendeu a lidar com uma situação como essa, com as diferenças de costumes, de crenças, de raças, de gênero... enfim, com as infinitas diferenças das crianças que estudam na sua escola. Ele deveria deixar você cantar a sua música. Ele poderia aproveitar a oportunidade para conversar sobre as diferenças que existem entre seus colegas de turma, mostrando que ser diferente não quer dizer ser melhor ou pior do que o outro.¹⁰ Temos que entender, Naná, a situação que aconteceu hoje, mas não podemos aceitá-la simplesmente e fingir que nada aconteceu.

¹⁰ “A discriminação não é um problema da criança negra, mas uma oportunidade de crianças negras e não-negras se conhecerem, discutirem e instaurarem novas formas de relação, que tenham impacto em suas vidas e na sociedade como um todo” (SANTOS, 2001, p. 106).

NANÁ

Lá foi a Dona Andresa Maria pra escola comigo no dia seguinte. Eu não sei tudo o que foi conversado na sala da diretoria, mas fiquei sabendo que o professor Marco levou uma bronca. Mas, eu fiquei me perguntando depois se tinha valido a pena. Eu acabei que nem cantei minha música na aula de Educação Física. E, depois, não quiseram me ouvir tantas outras vezes dentro da escola.

ESPELHO

De que adiantou, Naná? Só pra criar problemas pro professor. Você está cansada de saber que a escola é “um espaço privilegiado para a promoção da igualdade e eliminação de toda forma de discriminação e racismo, por possibilitar em seu espaço físico a convivência de pessoas com diferentes origens étnicas, culturais e religiosas.”¹¹ Isso que aconteceu foi um acidente. Todos têm o direito de errar, não é mesmo, Naná?

NANÁ

Hoje, eu sei que valeu, não “a pena”, mas o aprendizado da não-conformação. Eu não sabia tudo isso sobre a escola, mas minha mãe sabia. Pra mim, era um lugar onde eu aprendia coisas, onde eu encontrava os meus colegas. Eu não tinha noção da importância daquele espaço, daquela instituição na minha vida. Eu não imaginava que outras coisas podiam acontecer comigo na escola. Eu não sabia que lá poderia ser um lugar para o silêncio, para a conformação, para a manutenção. Eu não conseguia enxergar que o “não falar” queria dizer muita coisa. A minha mãe começou a conversar mais comigo sobre a cor da minha pele, sobre o meu cabelo, sobre a nossa família... Eu comecei a perceber mais as coisas, dentro e fora da escola. Fui entendendo o que minha mãe me falava.

ANDRESA MARIA

O que faz você cantar as suas músicas, dançá-las, você gostar de algumas comidas, ter preferências para passear... O que faz você escolher tudo isso, o que faz você tomar as decisões não é a cor da sua pele nem o jeito do seu cabelo. Você é essa menina chamada Naná Kenu pela história que você viveu, pelas coisas que você aprendeu em casa, na rua,

¹¹ SANTOS, 2001, p.105.

na escola e em outros lugares por onde passou. O fato de você ser negra influencia sua história. Infelizmente, as pessoas enxergam isso de forma ruim e negativa. Você faz parte de um povo que tem uma história muito longa antes de você nascer, que é uma parte da sociedade brasileira que recebe um tratamento diferente. Muitas pessoas não sabem disso, minha filha. Pra algumas pessoas a cor determina quem você é e pronto. Nada é questionado e parece que tudo é natural. Mas o que acontece realmente, Naná, é que a cor determina como algumas pessoas te enxergam.

NANÁ

Eu tinha uns dez anos de idade quando minha mãe me falou isso. Foi a partir dessas palavras que eu comecei a entender, mesmo sem me dar conta completamente, que a minha raça, que a idéia de raça na minha sociedade é construída. Aos poucos, foi ficando mais nítido pra mim que raça é “(...) um conceito relacional que se constitui histórica, política e culturalmente”¹².

ESPELHO

É isso resolveu a sua vida, Naná? Isso só foi criando problemas entre a gente. Estávamos quase conseguindo formar uma imagem definitiva. Uma imagem que seria sempre refletida... com muita luz, rica em beleza e em delicadeza, uma imagem praticamente...

Naná finalmente fala diretamente com o espelho depois dele ter feito muitas provocações. Ela não agride, apenas conversa com ele, um objeto com quem ela já teve muita cumplicidade.

NANÁ

Uma imagem branca você quer dizer. Uma imagem que me perseguiria incansavelmente de dentro do meu espelho.

¹² GOMES, 2001, p.85. A autora rejeita o determinismo biológico e inclui “três outras dimensões para a análise da questão racial, a saber, a geográfica, a histórica e a política.”

ESPELHO

Uma imagem de conforto, mulher! Será que você não entende? Sem choro, sem tristezas, sem reclamações... sem problemas.

NANÁ

(Perdendo a paciência com o espelho) Sem identidade negra! *(Naná acalma-se e reflete sobre o que acabou de falar. Esquece o início de sua discussão com o espelho e volta para suas infinitas memórias)*. Identidade negra? Isso eu demorei um bom tempo pra saber o que era. A minha descoberta seguinte foi sobre o preconceito. Não que eu não soubesse que existisse preconceito. É que eu ainda não tinha achado um nome pro que eu percebia no dia-a-dia. Na verdade, eu nem sabia que as pessoas tinham dado um nome pra isso. Na mesma época, eu também descobri o que é um estereótipo.

ANDRESA MARIA

Kenu, algumas pessoas pensam assim porque não te conhecem muito bem, mas mesmo sem conhecerem essa menina linda que você é, já tem algumas idéias sobre você. Elas acham que você não toma banho, que você não é inteligente, que você é menos do que elas por causa da sua cor. Elas acham que todo negro ou negra é assim. Foi criado um estereótipo em torno de nós, negros e negras, ao longo de toda história do nosso povo no Brasil e no mundo.

Naná encontra-se numa relação mais forte com seus momentos de infância. Querendo buscar coisas novas naqueles acontecimentos. Novo no jeito de olhar, de ouvir e pensar as palavras maternas.

NANÁ

Eu não entendia aquela palavra estranha, nova, diferente. Mas eu quis saber mais sobre ela antes de não gostar.

ANDRESA MARIA

É o que eu te disse, minha filha. O estereótipo é quando as pessoas generalizam uma característica para um grupo todo. Se afirmarmos que o índio é preguiçoso, que o pobre é ladrão, que o negro é burro e que o branco é bonito, estamos estereotipando esses grupos sociais. É reduzir a cultura, as relações sociais desse povo e as suas diferenças individuais numa só característica.

NANÁ

Eu não sabia o significado de todas aquelas palavras, mas parecia que eu já as conhecia pelos sentidos. Não daquele jeito, não uma após a outra, em frases pontuadas. Eu as conhecia de algum lugar do meu corpo, ou da cor do meu corpo. Tudo estava confuso na minha cabeça. Mamãe sabia me deixar confusa. Ela fazia de propósito. Ela me confundia e eu era obrigada a me “desconfundir”. Quando eu me “desconfundia” eu me sentia bem alguns momentos, mas logo surgia outra inquietação. Mas eu ainda queria saber mais sobre o preconceito. E minha mãe estava sempre disposta a falar mais, a ser mais profunda, a me mostrar o caminho que ela percorreu pra encontrar suas repostas.

ANDRESA MARIA

A pessoa que pertence a um grupo acha que seu grupo é melhor que os outros, sem saber mais sobre cada grupo. Há uma idéia de superioridade, de ser mais que o outro¹³. Entende, minha filha?

NANÁ

Eu entendia, apesar daquilo me incomodar. Eu entendi! Eu fui organizando as palavras até conseguir expressar o que é sentido. Fico sempre tentando mudar os meus conceitos, acho que as palavras não são suficientes. É isso... sentir é outro processo. Explicável, mas não traduzível. Hoje, eu arrisco dizer que as “atitudes formadas a partir do desconhecimento, do

¹³“Essas questões [em relação ao racismo e à discriminação] estão centradas na idéia de que diferentes grupos raciais ou classes sociais são superiores uns aos outros. Essa idéia é medida e legitimada pela experiência branca de ancestrais europeus masculinos associada a classes sociais médias-altas. Em termos educacionais estas questões são geralmente observadas por meio das estruturas e dos currículos escolares, das políticas educacionais, da formação dos professores, da interação entre professores, alunos e comunidade” (ROSSATO, GESSER, 2001, p.12).

pouco contato, do sentimento de exclusão, diferença ou negatividade, que um indivíduo ou grupo pode desenvolver em relação a outro indivíduo ou grupo”¹⁴ é próximo do preconceito vivenciado. Esse preconceito que ocorre quando um sujeito somente utiliza seu próprio grupo como parâmetro de identificação de outros, considerando-se sempre no pólo positivo do processo.¹⁵

ESPELHO

Acorda, Naná! Tá na sua hora! Você não pode ficar aí, só pensando na vida. Ah, e que vida, hein?! Bola pra frente, mulher!

O espelho insiste em incomodar Naná, mas é em vão. Suas palavras e suas imagens já não têm tanto valor há algum tempo no universo de Naná.

NANÁ

Não foi rápido pra eu conseguir organizar todas essas idéias. É um processo... e eu continuo organizando e conhecendo novas palavras, novos conceitos. Foi pensando e experimentando o preconceito que eu conheci mais alguns nomes que foram dados aos problemas ligados às questões raciais. Não foi tudo de uma vez, nem foi uma coisa de cada vez. Não foi de repente. Foi... foi... uma construção... que bem depois eu descobri que era da minha identidade.

Dessa vez, a lembrança começa com o seu querido amigo de infância. Cauê sempre estudou na mesma classe que Naná, do jardim até eles terminarem o segundo grau. Ele sempre foi um grande companheiro para Naná. Eles descobriram muitas coisas juntos, eles se perguntavam sobre as coisas que aconteciam na escola.

¹⁴ SOLIGO, 1996, p.24.

¹⁵ SOLIGO, 1996, p.25.

CAUÊ

É, Naná... Você não sabia que racismo é crime? Quem faz racismo vai pra cadeia. É, a minha mãe me contou que a gente que é negro pode mandar pra cadeia quem falar alguma coisa que a gente não gosta, quem maltratar a gente.

NANÁ

O Cauê devia estar maluco. Eu não conseguia entender como que alguém podia ir pra cadeia só porque falou alguma coisa que o outro não gostou. E por que só os negros tinham esse direito? Será que racismo era só quando alguém falava alguma coisa que a gente não gostasse?

ESPELHO

Cê tá cansada de saber que não é isso. Acho que você ficou maluca, Naná Kenu. Enlouqueceu de vez! *(Com muita ironia)* Agora é Naná Kenu, a “nega maluca”.

Naná olha para o espelho pacientemente, como se estivesse com pena. Ela não vê sua imagem. Vê o espelho simplesmente. A luz, a clareza, a branquitude¹⁶. E continua com um sorriso no rosto. Não com superioridade, mas com reconhecimento das diferenças.

NANÁ

Eu lembro que decidi procurar mais coisas nos livros. Não sei muito bem porque, mas eu não queria perguntar para minha mãe dessa vez. Eu queria conversar com ela depois de saber mais alguma coisa. O Cauê também ia procurar saber algo mais sobre o assunto. Foi o nosso trato do dia.

¹⁶ “Whiteness ou branquitude se define como uma consciência silenciada ‘quase’ incapaz de admitir sua participação provocante em conflitos raciais que resiste, assim em aceitar e a relacionar-se com a experiência dos que recebem a violação do preconceito” (ROSSATO, GESSER, 2001, p.11). Os autores defendem que a “branquitude” é a maior indicadora da promulgação de fenômenos raciais.

CAUÊ

Eu vou ver se pergunto mais alguma coisa pra minha mãe, mas eu acho que é isso mesmo Naná. Você é que tem mania de sempre querer saber mais das coisas. Quem descobrir, fala pro outro amanhã.

NANÁ

Parece que foi ontem... eu almocei correndo quando eu cheguei em casa. Mal falei com minha mãe. Com certeza, ela percebeu que alguma coisa estava acontecendo, mas ela ficou quieta. Parece que ela adivinhava as coisas. Peguei alguns livros na estante do quarto dela e fui pro meu quarto. Eu, os livros sobre negros e o meu espelho. Aquele dia eu nem lembrei de olhar no meu espelho. Eu queria saber mais sobre as coisas...

ESPELHO

Você nem sabia o que estava procurando. Eu até achei que você ia ter uma prova, mas quando eu vi os livros que você estava lendo... Com certeza, aqueles não eram livros da sua escola. Nunca vi uma menina com a idade que você tinha se preocupar com coisas tão de adultos. Você deveria estar estudando outros conteúdos como português, matemática, história, geografia... Deveria se aplicar mais às coisas da escola e menos às coisas do mundo. Não sei como você não tinha medo de tirar nota baixa como todas as meninas da sua cor...

Enquanto o espelho fala, Naná está longe, lembrando do seu longo dia de pesquisa.

NANÁ

Eu li muita coisa complicada e quase não entendia nada, mas eu achei um livro que me fascinou. Tinhas umas palavras muito difíceis, que eu nem sabia que existiam. Mas foi nesse livro que eu encontrei uma frase, no meio de tantas outras, que se aproximou do que eu estava procurando. Eu copieei a frase no meu caderno da escola para mostrar pro Cauê. Daquele ano em diante, eu passava aquela frase a limpo pro meu próximo caderno. Sempre a mesma frase, mas cada ano, acho que a cada dia, eu lia de uma forma diferente. É sobre um conceito de racismo e diz assim: "Racismo é qualquer conjunto de crenças de que

diferenças (reais ou imaginárias) orgânicas, geneticamente transmitidas entre grupos humanos, são intrinsecamente associados à presença ou à ausência de algumas características ou capacidades socialmente significativas, e, portanto, que tais diferenças constituem uma base legítima de distinções injustas entre grupos socialmente definidos como raças”¹⁷.

ESPELHO

(Rindo ironicamente) Você ainda guarda isso até hoje, Naná Kenu? Ora, você não é mais uma garotinha para ter essas manias. Você ainda não aprendeu o que está escrito no papel? Ou será que depois de tantos anos você não conseguiu ainda?

Sem responder ao espelho, mas ouvindo suas palavras, Naná continua.

NANÁ

Continuo aprendendo essa frase até hoje... No dia seguinte eu levei o que eu tinha achado pro Cauê ver. Foi muito interessante. Ele conseguiu descobrir outras coisas nos livros do irmão dele. Ele levou anotado alguma coisa sobre discriminação racial. Dizia assim no caderno do Cauê: “é a manifestação comportamental do preconceito, ou seja, é a materialização da crença racista em atitudes que efetivamente limitam ou impedem o desenvolvimento humano pleno das pessoas pertencentes ao grupo discriminado ou mantêm os privilégios dos membros do grupo discriminador à custa do prejuízo dos participantes do grupo discriminado”¹⁸.

CAUÊ

Você pediu pra sua mãe te explicar o que tudo isso quer dizer de verdade?

NANÁ

Nem eu nem ele perguntamos a ninguém. Acho que queríamos que fosse uma descoberta nossa. Cada um copiou a “pesquisa” do outro. E não falamos mais nisso por um bom

¹⁷ SOLIGO, 1996, p.25-26.

¹⁸ SILVA, 2001, p.75.

tempo. Foi um tempo que deixamos para viver os conceitos e sentir as palavras. Às vezes, eu lia aquilo seis, sete vezes seguidas. Não acontecia nada. Alguma coisa eu entendia. Mas ainda faltava, parecia que faltava o mais importante... mas eu não sabia o que era.

DONA CORALI

Crianças, não adianta só copiarem a matéria do quadro. Vocês têm que entender, saber explicar, saber os motivos, os porquês de tudo que aprendem.

NANÁ

Muito obrigada, Dona Corali. Enquanto ela falava das coisas da escola, me deu uma dica muito importante. Pareceu até a mamãe! Era isso que eu precisava, precisava saber o porquê daquilo tudo. Eu e o Cauê esquecemos de pesquisar isso ou de perguntar para alguém. Afinal, por que racismo? Por que preconceito, discriminação? Eu precisava entender. Era uma questão de sobrevivência, ou melhor, de além de sobreviver, de identidade.

// DESCONFIAI DO MAIS
TRIVIAL, NA APARÊNCIA
DO SINGELO

E EXAMINAI, SOBRETUDO
O QUE PARECE HABITUAL.

SUPPLICAMOS EXPRESSAMENTE:
NÃO ACEITES O QUE É
HÁBITO COMO COISA NATURAL.

(...)

NADA DEVE PARECER
NATURAL

NADA DEVE PARECER IMPOSSÍVEL
DE MUDAR. "

Bertold
Brecht

ATO II

Brasil: será o paraíso terrestre, o *Oriente*?

O segundo ato começa com outra disposição. A face de Naná dividida ao meio, pintada em branco e preto. O espelho mais distante, sua voz torna-se um eco. Eles já não são tão cúmplices. O espelho se afasta por não gostar dessa nova Naná e por ela não permitir a aproximação.

NANÁ

Voltei ao livro... aquele livro que falava do Éden, que não falava de Aruanda, mas que me despertou para sua existência. Naquele momento, pude lê-lo de outra forma. Cada momento uma nova descoberta, uma nova leitura, outros olhos me lançavam sobre as mesmas palavras. Que pra mim já não eram mais as mesmas.

O espelho se expressa com uma voz mais baixa e um tom muito irônico. A intenção de recuperar sua importância na vida de Naná é permanente. Ela já não o ouve como antes, ela já não o olha como antes. Ele já não consegue refletir a mesma Naná de antes. Antes, quando ele determinava, padronizada, deixava as marcas necessárias. Espelho persistente. Ele não desiste de retomar o lugar privilegiado que sempre teve na vida de Naná.

ESPELHO

Já era tempo de você andar com as próprias pernas, não é mesmo Naná? Sempre tão dependente de mim.

Naná dá um leve sorriso. Os dois sabem que isso não é verdade. Pode ter sido um dia, mas muita coisa mudou. O espelho sabia disso tanto quanto Naná.

NANÁ

(Pacientemente, dirige-se ao espelho) Você sabe muito bem como são as coisas. Não fale bobagem, meu caro! Desde aquele tempo, sua função tem ficado cada vez mais restrita. Não seja tão prepotente!

ESPELHO

Tudo bem, Naná. Você pode dizer que já naquela época não dependia de mim. Mas isso não muda muito. Você sempre foi muito dependente da sua mãe, dos seus colegas, dos seus professores... Já era hora de você começar a pensar por si, traçar os seus caminhos, formar seus pensamentos.

Naná ouve as palavras, mas não as debate. Ela apenas faz uma reflexão juntando o que o espelho diz com tudo que borbulha em suas lembranças.

NANÁ

Já era hora mesmo!

A recordação é de sua aula de Educação Física. Naná ainda sente-se constrangida com tudo. Não por ela, não por pena de si mesma, mas pela situação, pela vergonha da instituição concordar com tudo que ela vivenciou.

MARCO ANTÔNIO

Preciso repetir de novo, Naná? Será que você não entende o que é pra fazer?

CLARA

Coitada, professor. É que pra ela é mais difícil¹⁹.

¹⁹ Gesser relata experiência vivida durante a idade escolar. Na escola que freqüentava, “as diferenças raciais e sociais eram reproduzidas na própria sala de aula, onde se vivia uma situação de opressão e preconceito. Os alunos, geralmente os então chamados ‘caboclos’, eram discriminados pela própria professora e pelos colegas brancos. Eles eram considerados alunos ‘atrasados’ porque com freqüência apresentavam dificuldades de aprendizagem, e muito pouco ou nada era feito para ajudá-los na superação de suas dificuldades. Em contrapartida, os alunos de pele branca em geral eram considerados bons alunos – alunos nota ‘A’ – e, por consequência, eram presenteados no final do ano letivo de acordo com o ranking de primeiro, segundo e terceiro lugar da classe” (ROSSATO, GESSER, 2001, p.12).

NANÁ

Tempo de entender porque era mais difícil pra mim. Era difícil... era difícil entender as pessoas sempre me olhando com dificuldade. Era hora de perceber o olhar dos outros!

ESPELHO

Pena que você foi pelo caminho errado! Interessou-se demais pelos problemas dos outros, pela história dos outros, pelos percursos dos outros,... E quem se preocupou com você, minha querida? Você sempre procurou movimento demais na realidade. Passou a não se contentar mais com a dissertação dos fatos. Se ao menos tivesse me ouvido, estaria mais limpa.

NANÁ

Foi naquele livro que eu comecei a me “sujar”, descobrindo as raízes, me lambusando com a terra que sempre as esconderam de mim. Encontrei mais significação na palavra, mais força transformadora. Fui além da narração, do som²⁰. Foi lá que eu li: “o mito fundador do Brasil”.

A voz da diretora da escola é quase que simultânea com a fala de Naná. A conclusão de sua frase remete Naná para todo seu processo de descobertas.

DONA CORALI

Não, Naná. Eu não posso mudar o programa da escola para vocês terem uma aula sobre o mito fundador do Brasil. Por mais que ache esse conteúdo importante, não é coisa pra agora. Vocês ainda precisam estudar outras coisas antes.²¹ Você vai ter que guardar um

Nesse relato, pode-se verificar como se espera que alunos negros e alunas negras tenham dificuldade na escola, o que faz que ela seja encarada como algo “natural” e que não haja problematização da questão.

²⁰ “Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação [educação ‘bancária’]. Nela o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é ‘encher’ os educandos dos conteúdos de sua narração. (...) A palavra, nestas dissertações, se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante. Daí que seja mais som do que significação e, assim, melhor seria não dizê-la” (FREIRE, 1987, p.57).

²¹ “Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos (...) chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária - mas também (...) discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com

pouco a sua curiosidade. Quem sabe ano que vem. Eu posso conversar com o professor de História. Mas pra agora, realmente não dá, minha querida.

NANÁ

Na verdade, eu nem sei porque eu pedi isso pra Dona Corali. Eu queria ter uma aula sobre esse tema. Eu queria saber qual a história que a escola ia contar. Acho que eu queria ajuda pra poder avançar. Talvez eu não quisesse descobrir sozinha. Eu...

O espelho interrompe o pensamento de Naná, com intenção de feri-la, de magoá-la.

ESPELHO

Você teve medo, Naná! Medo...

Naná ouve e concorda. Ela sabe que teve medo, mas ela não tem problema nenhum com isso. Ela compreende o medo que sentia naquele momento.

NANÁ

Mas a escola resolveu não contar história nenhuma naquele momento. O silêncio proposto pela escola me incomodou. Acho que eu até ouvi muito com aquele silêncio²².

A voz de Dona Corali se repete na cabeça de Naná.

DONA CORALI

Você vai ter que guardar um pouco a sua curiosidade.

o ensino dos conteúdos. (...) Por que não estabelecer uma necessária 'intimidade' entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?" (FREIRE, 1996, p.34).

²² "O discurso da acomodação ou de sua defesa, o discurso da exaltação do silêncio imposto de que resulta a imobilidade dos silenciados, o discurso do elogio da adaptação tomada como fado ou sina é um discurso negador da humanização de cuja responsabilidade não podemos nos eximir" (FREIRE, 1996, p.84).

NANÁ

Não era uma questão de curiosidade, era uma questão de necessidade. Eu precisava saber mais, entender mais, as coisas precisavam fazer sentido pra mim. Eu precisava encontrar caminhos para minhas respostas.

A voz de Dona Corali insiste em não ir embora. Fica ecoando em Naná.

DONA CORALI

... não é pra agora.

NANÁ

Pra quando seria? Será que esse tema já tinha uma hora marcada pela escola? Ah, eu duvidei. E a escola continuou com a mesma história, a mesma linha reta, as mesmas certezas comprovadas. Não dava pra esperar mais, eu já tinha esperado muito.

CLARA

Pode esperar aí, Naná! Eu sou na frente... Por acaso você já viu patrão seguir escravo. Negro não precisa pensar, nasceu pra ser mandado! *(Risadas dos seus colegas de turma ecoam na memória de Naná)*

NANÁ

O silêncio aconteceu de novo²³. Aliás, não foi o silêncio. Foram risos. Risos construídos, risos históricos. *(Uma pequena pausa. Naná retoma a sua seqüência explicativa que foi interrompida pela lembrança daquele momento tão marcante)* Então, eu resolvi ir na frente. Eu quis saber o que era o mito fundador do Brasil. Quis saber como aconteceu tudo, de verdade. Não do jeito que a gente aprende na escola. Não no tempo que a escola queria. Eu estava cansada da escola. A escola ensinava uma parte. E eu queria saber a outra.

²³ "(...) a criança negra é estimulada por pais e professores a 'não ligar' e a não reagir à agressão contida nos apelidos e xingamentos de cunho racial. A criança branca não é punida, e sua atitude agressiva é implicitamente legitimada quando qualificada como 'brincadeira'" (NASCIMENTO, 2001, p.119). Dessa forma, nasce a "sutileza" do racismo, que nos faz aceitar atitudes preconceituosas como simples brincadeiras sem nenhuma consequência grave. Essa aceitação inibe a reflexão sobre as questões raciais e gera a passividade e o silêncio diante das situações conflitantes.

ANDRESA MARIA

É preciso compreender o que é “mito”, minha filha. Não vá apenas aceitando os conceitos lidos, tente problematizar e confrontá-los com a sua realidade.²⁴

NANÁ

Assim, fui dialogando com tudo que lia e... *(uma pausa, Naná olha em direção ao espelho. Olhar de lembrança. Depois o encara)* com meu espelho.

ESPELHO

Você mudou muito quando começou com essa mania de querer saber sobre coisas sem muita importância. Eu sempre te dizia: “Naná, o que passou, passou. Pra quê mexer nisso? Por que se preocupar tanto?” Você não queria me ouvir. Você foi mudando, se transformando... em alguns dias, eu nem conseguia reconhecê-la. Ainda bem que nem tudo mudou de uma vez! Às vezes, eu ainda conseguia ver a Naná que sempre se refletiu em mim, que eu sempre refleti. Ainda via um pouco da Naná iluminada, limpa, branca... Não consigo ver isso em você hoje! Mas não tem problema. Eu não me preocupo. Provavelmente amanhã tudo volte ao normal²⁵.

Naná não dá muita confiança para o espelho. Ela continua mergulhada na sua lembrança.

NANÁ

O primeiro passo foi entender o que significava mito no meio daquela expressão tão transformadora pra mim. Mito: “solução imaginária para tensões, conflitos e contradições que não encontram caminhos para serem resolvidos no nível da realidade.”²⁶

²⁴ “A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres ‘vazios’ a quem o mundo ‘encha’ de conteúdos; não pode basear-se numa consciência espacializada, mecanicistamente, compartimentada, mas nos homens como ‘corpos conscientes’ e na consciência como consciência *intencionada* ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo” (FREIRE, 1987, p. 67).

²⁵ “(...) essa experiência [branquitude ou consciência silenciada] é imposta diante de uma sociedade em que ser branco(a) é a ‘norma’, ou seja, a noção hegemonicamente estabelecida e legitimada indica que a brancura está relacionada a uma situação de privilégio que desacredita na presença da austeridade de sua posição e, por isso mesmo, é incapaz de compreender a experiência do ‘outro’” (ROSSATO, GESSER, 2001, p.12).

²⁶ CHAUI, 2000, p.9.

ESPELHO

Tá... Tudo bem! Você tinha o conceito, mas não entendeu nada. Você não sabia o que essas palavras queriam dizer. *(Rindo)* Você chorava enquanto eu te perguntava. Você não sabia responder!

Naná finalmente responde diretamente para o espelho. O dia lembrado foi muito difícil para Naná... Eram os seus primeiros passos, era o começo de um novo caminho.

NANÁ

Você me testou naquele dia. E mesmo assim eu não olhei pra você. Eu podia não saber explicar, mas eu consegui identificar coisas quando li aquelas palavras. Eu soube que tinha algo a ver com você. Eu descobri que o seu caminho não era o real.

O espelho não ri mais. A sua ironia vai sumindo com a fala de Naná. Ele precisa provocar, encontrar novamente a superioridade.

ESPELHO

Você chorou tanto, Naná. Eu tive pena da sua ignorância!

Naná continua a conversa um pouco mais calma, mais tranqüila.

NANÁ

Chorei de insegurança, de tristeza e de alegria. Eu descobri que precisava de um novo reflexo. Percebi que o que você refletia não era a minha imagem. Você era quem me via, não eu. Eu não via, eu apenas aceitava.

A lembrança de Naná busca a voz de sua mãe. Um conforto, um apoio, um estímulo.

ANDRESA MARIA

Minha filha... Ainda tem tanto para ser descoberto. Não perca o fôlego! Quando aprendemos muitas coisas, passamos a enxergar o mundo de uma forma diferente. Nem

sempre isso é fácil! Algumas máscaras caem, as cores mudam de tom, passamos a buscar mais detalhes. Você está construindo, reconstruindo, constatando... e isso não se faz sem abertura ao risco e à aventura²⁷.

NANÁ

É, eu precisava aprender, eu queria aprender. Eu precisava entender o porquê de tanta inferioridade, de tanta violência... O meu espelho me incomodava, tudo me incomodava muito, eu tinha que agir. Eu não sabia ao certo o que tinha que ser feito, mas eu tinha certeza que eu não queria parar. Eu precisava aprender para intervir²⁸.

CAUÊ

Naná, você tá levando muito a sério isso tudo. Ah, eu não sei se adianta ficar se esforçando... Você acha que vai mudar o mundo, é? Se liga, chega uma hora que a gente tem que aceitar. Não tudo, né? Mas a gente tem que aceitar algumas coisas. Assim é melhor pra todo mundo.

A lembrança da fala do amigo trazia de volta a indignação daquele momento vivido. Ela ainda não conseguia entender aquelas palavras.

NANÁ

Aceitar? Aceitar algumas coisas e outras não? Acho que não tinha como fazer isso. Eu só não aceitaria o que fosse "grave"? Eu não conseguia distinguir. Pra mim tudo era grave, tudo me incomodava. Eu realmente não entendi o que o Cauê quis dizer. Ele estava muito preocupado comigo. Ele estava preocupado com que as pessoas da escola diziam de mim. A minha preocupação era outra. Era saber mais sobre o mito fundador do Brasil.

²⁷ FREIRE, 1996, p.77.

²⁸ "A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a, fala da nossa educabilidade a um nível distinto do nível do adestramento dos outros animais ou do cultivo das plantas" (FREIRE, 1996, p.76).

ANDRESA MARIA

“Um mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e idéias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo.”²⁹

NANÁ

Fundação, o mito que se refere há um momento quase eterno.³⁰ Um caminho encontrado pra resolver problemas, pra encontrar explicações imaginárias. Tudo resolvido sem muitas perguntas e sem confusão. Não há muito que refletir. O mito troca de roupa, muda de cara... parece que tudo é diferente e que as coisas realmente mudaram. Ah, mas não é isso que acontece! O que é pintado como transformação é apenas atualização³¹.

CAUÊ

O que você vai fazer com isso, Naná? Me diga! Eu acho que você tinha que se preocupar mais com as coisas da escola, você anda meio desleixada. Você sabe que todo mundo fica falando, né? “Aquela negrinha isso, aquela negrinha aquilo...” Você não pode dar motivos pra esse pessoal, Naná. A gente tem que provar que pode. Você não pode se acomodar!³²

Naná procura falar para o momento passado. A Naná de hoje conversando com as lembranças... tanta coisa a dizer, a aprender. Muita mudança que precisava ser conversada, que precisava ser sentida por aqueles momentos tão importantes.

²⁹ CHAUI, 2000, p.9.

³⁰ “(...) a fundação se refere a um momento passado imaginário, tido como instante originário que se mantém vivo e presente no curso do tempo, isto é, a fundação visa a algo tido como perene (quase eterno) que traveja e sustenta o curso temporal e lhe dá sentido. A fundação pretende situar-se além do tempo, fora da história, num presente que não cessa nunca sob a multiplicidade de formas ou aspectos que pode tomar” (CHAUI, 2000, p.9-10).

³¹ “O mito fundador oferece um repertório inicial de representações da realidade e, em cada momento da formação histórica, esses elementos são reorganizados tanto do ponto de vista de sua hierarquia interna (isto é, qual o elemento principal que comanda os outros) como da ampliação de seu sentido (isto é, novos elementos vêm se acrescentar ao significado primitivo). Assim, as ideologias, que necessariamente acompanham o movimento histórico da formação, alimentam-se das representações produzidas pela fundação, atualizando-as para adequá-las à nova quadra histórica. É exatamente por isso que, sob novas roupagens, o mito pode repetir-se indefinidamente” (CHAUI, 2000, p.10).

³² “Ser melhor! Na realidade, na fantasia, para se afirmar, para minimizar, compensar o ‘defeito’, para ser aceito. Ser melhor é a consigna a ser introjetada, assimilada e reproduzida. Ser o melhor, dado unânime em todas as histórias-de-vida” (SOUZA, 1983, p.40).

NANÁ

E era exatamente isso que eu estava fazendo. Eu não queria me acomodar. Eu estava preocupada com as coisas da escola: com o silêncio, com o preconceito, com a discriminação. A música que eu não cantei, a brincadeira que eu não participei... tudo começava a se encaixar. Tudo começava a fazer sentido dentro daquele mundo refletido, daquele mundo de espelhos.

O espelho não consegue deixar Naná... Ele quer ser ouvido. Ele sente falta do reflexo, sente falta da Naná de outros tempos.

ESPELHO

Se ao menos você tivesse ouvido seu amigo Cauê. Ele sempre quis o seu melhor. Você poderia estar aqui ainda.

NANÁ

Tudo começava a fazer sentido...

ANDRESA MARIA

É claro, minha filha! Você está usando novas lentes para enxergar o seu cotidiano. Cada passo, cada descoberta é uma nova posição para perceber o mundo. Ao mesmo tempo em que você se distancia, você se aproxima. O afastamento é necessário para compreensão da realidade e o envolvimento direto é fundamental para a transformação. É esse exercício que precisamos fazer.

NANÁ

E assim eu continuei com minha incursão sobre o mito fundador. Foi no período da conquista e colonização da América e do Brasil que surgiram os principais elementos para sua construção³³. A visão de paraíso, a história teológica providencial, a história profética herética cristã, a elaboração jurídica-teocêntrica da figura do governante... Tudo isso

³³ CHAUI, 2000, p.58.

fervilhando na minha cabeça. As coisas eram um pouco mais fáceis do que naquela época, quando eu peguei o livro pela primeira vez. Um bom tempo havia passado, eu conseguia entender melhor as coisas, mas ainda havia muita confusão. E a escola não ajudava muito.

ESPELHO

Você foi atrás de fatos que aconteceram há mais de 500 anos! Pense no presente, Naná Kenu. O que importa é o agora! O passado já foi, pense no presente.

NANÁ

Era a coisa que eu mais pensava: no presente, no agora... na história. Descobri muitas coisas, mais e mais coisas... Entre elas três componentes que me prenderam a atenção: a sagração da Natureza, a sagração da história e a sagração do governante³⁴.

CAUÊ

Mas não foi isso que a gente aprendeu, Naná. Oriente significa Japão, China, Índia... o outro lado do planeta! Você realmente precisa parar. Tá muito longe pra você ficar confundindo, trocando as bolas. Olha aqui esse mapa... Aqui é o Ocidente e aqui é o Oriente. Nós estamos no Ocidente, Naná. O Brasil fica no Ocidente, não tem como ele ser o "Oriente". Entendeu, Naná? Ocidente!

NANÁ

Mesmo sem querer, me dei conta que o "Oriente" também era uma construção. Assim como tudo nesse mundo humano. O "Oriente" do Cauê era só aquele. Foi assim que ele aprendeu. Não adiantava eu falar das coisas que eu tinha lido. Não adiantava eu mostrar a minha nova descoberta. Eu queria muito partilhar esse mundo novo com o meu amigo. Eu queria falar pra ele que a "palavra 'Oriente' é um símbolo, ou seja, indica algo mais do que um lugar ou uma região (...)"³⁵. Mas ele nem quis saber.

³⁴ Vocabulário usado por Marilena Chauí para definir os três componentes que constituem o mito fundador no Brasil. "Esses três componentes aparecem, nos séculos XVI e XVII, sob a forma das três operações divinas, que no mito fundador, respondem pelo Brasil: a obra de Deus, isto é, a Natureza, a palavra de Deus, isto é, a história, e a vontade de Deus, isto é, o Estado" (CHAUI, 2000, p.58).

³⁵ "Quando lemos os diários de bordo e a correspondência dos navegantes, bem como a correspondência, os ensaios e os livros dos evangelizadores, particularmente dos franciscanos e jesuítas, percebemos que a palavra

ESPELHO

Certo ele que não quis ouvir suas bobagens!

NANÁ

“(...) Oriente também é símbolo do Jardim do Éden”³⁶. Aquele mesmo Jardim que eu enfrentei na minha infância. “(...) Oriente significa o reencontro com a origem perdida e o retorno a ela.”³⁷ Tudo isso tinha a ver com a sagração da Natureza.

ESPELHO

Você já se achava esperta nessa época, não é mesmo Naná? Achava que sabia mais do que os outros... pensava que era melhor do que seus colegas. O seu conhecimento de estante lhe subiu à cabeça, lhe deu mais razão, muito além do necessário.

As lembranças de Naná passam a vir menos articuladas. É muita coisa ao mesmo tempo. Não dá tempo de falar, de traduzir tudo que ela pensa, tudo que ela sente. Os sentidos estão a mil! Muita coisa do passado que passa a ser uma nova novidade.

NANÁ

O “Oriente”... o Jardim do Éden... O Brasil foi identificado como o Paraíso Terrestre: “vegetação luxuriante e bela (flores e frutos perenes), feras dóceis e amigas (em profusão inigualável), temperatura amena (‘nem muito frio, nem muito quente’), primavera eterna contra o ‘outono do mundo’”³⁸. Um “novo” mundo... um “outro” mundo que havia sido descoberto³⁹. Tudo que nele foi encontrado casava-se perfeitamente com as descrições bíblicas e da Idade Média.⁴⁰

Oriente é um símbolo, ou seja, indica algo mais do que um lugar ou uma região, e nos damos conta de que este símbolo é bifronte” (CHAUI, 2000, p.61).

³⁶ “Oriente significa, por um lado, o Japão, a China e a Índia, portanto impérios constituídos com os quais se pretende tanto a relação econômica como a diplomática, mas sobretudo, se possível, uma dominação militar e política pelo Ocidente. Mas Oriente é também símbolo do Jardim do Éden” (CHAUI, 2000, p.61).

³⁷ CHAUI, 2000, p.61.

³⁸ CHAUI, 2000, p.61.

³⁹ “Cartas e diários de bordos impressionam porque descrevem o mundo descoberto como novo e outro, mas o sentido desses termos é diverso do que esperaríamos. De fato, ele não é novo porque jamais visto nem é outro porque inteiramente diverso da Europa. Ele é *novo* porque é o retorno à perfeição da origem, à primavera do mundo, ou à ‘novação do mundo’, oposta à velhice outonal ou à decadência do velho mundo. E é *outro*

Não tinha como não pensar na escola. Naná confrontava tudo com as coisas que ela tinha aprendido lá dentro. Coisas separadas do mundo. Coisas da escola.

DONA CORALI

O nosso hino é um dos mais bonitos do mundo. É a nossa bandeira, então? Nem se fala! “(...) o retângulo verde simboliza nossas matas e riquezas florestais, o losango amarelo simboliza nosso ouro e nossas riquezas minerais, o círculo azul estrelado simboliza nosso céu, onde brilha o Cruzeiro do Sul, indicando que nascemos abençoados por Deus, e a faixa branca simboliza o que somos: um povo ordeiro em progresso.”⁴¹ Vejam só crianças! É um símbolo da Natureza⁴².

NANÁ

Eu era bem criança quando aprendi sobre a bandeira brasileira. Foi inevitável lembrar desse momento que aconteceu há tanto tempo. No meio da minha “lambança”, eu aprendi mais sobre a bandeira do Brasil, do “Brasil-paraíso”⁴³.

ESPELHO

Você devia orgulhar-se de seu país! Você não sabe nada sobre o Brasil. Aqui passa o maior rio do mundo, nós temos a maior floresta tropical do planeta, nossa terra desconhece

porque é originário, anterior à queda do homem. Donde a descrição da gente nova como inocente e simples, pronta para ser evangelizada” (CHAUI, 2000, p.62).

⁴⁰ Nos escritos dos navegantes, “estão presentes e visíveis três signos paradisíacos que um leitor dos séculos XVI e XVII compreende imediatamente: a referência à abundância e à boa qualidade das águas (dizendo tacitamente que a terra achada é cortada pelos rios de que fala o Gênesis), a temperatura amena (sugerindo tacitamente a primavera eterna) e as qualidades da gente, descrita como bela, altiva, simples e inocente (dizendo tacitamente que são a gente descrita pelo profeta Isaías)” (CHAUI, 2000, p.62).

⁴¹ CHAUI, 2000, p.5.

⁴² “Essa ‘visão do paraíso’, o *topos* do Oriente como jardim do Éden (...), são constitutivos da produção da imagem mítica fundadora do Brasil e é ela que reencontramos na obra de Rocha Pita, que afirma explicitamente ser aqui o Paraíso Terrestre descoberto, (...) nas poesias nativistas românticas, na letra do Hino Nacional, na explicação escolar da bandeira brasileira e nas poesias cívicas escolares, como as de Olavo Bilac” (CHAUI, 2000, p.62).

⁴³ “De fato, sabemos que, desde a Revolução Francesa, as bandeiras revolucionárias tendem a ser tricolores e são insígnias das lutas políticas por liberdade, igualdade e fraternidade. A bandeira brasileira é quadricolor e não exprime o político, não narra a história do país. É um símbolo da Natureza. É o Brasil-jardim, o Brasil-paraíso” (CHAUI, 2000, p.62).

catástrofes naturais, tudo que se plante aqui cresce e floresce, temos um povo bom, pacífico e ordeiro.⁴⁴ Estude mais, Naná! Você se esqueceu da escola por um bom tempo, não foi?

Naná escutou as palavras do espelho. Ela não havia esquecido da escola. Ela se lembrava dela o tempo todo. Lembranças que alimentavam as suas buscas.

NANÁ

Um Brasil-jardim, mítico, natural... onde tudo aconteceu por força divina. As leis naturais regem e vida desse jardim e Deus olha por nós. Um mundo dado, fora da história.⁴⁵ Era isso que eu devia pensar? Ou melhor, era nisso que eu devia acreditar sem pensar? Será que Deus só olhava para um lado? Será que o Brasil-Aruanda nunca foi notado por ele?

Naná começa lembrar das várias conversas que teve com sua mãe sobre esse assunto. Aparecem trechos dessas conversas que ficaram marcadas em Naná.

ANDRESA MARIA

Sim, Naná. Eu sei que é contraditório existir escravidão no Paraíso, mas sempre há uma explicação. A escravidão era considerada natural de acordo com a teoria do direito natural objetivo e a teoria do direito natural subjetivo⁴⁶.

NANÁ

Tudo parecia muito contraditório. Muita contradição... pude até perceber que o “natural” também é construído. O natural não é o mesmo natural sempre. Ele muda, se transforma e

⁴⁴ CHAUI, 2000, p.5-6.

⁴⁵ “Essa produção mítica do país-jardim, ao nos lançar no seio da Natureza, lança-nos para fora da história. (...) Nesse estado de Natureza paradisíaco em que nos encontramos, há apenas nós – pacíficos e ordeiros – e Deus, que, olhando por nós, nos deu o melhor de Sua obra e nos dá o melhor de Sua vontade” (CHAUI, 2000, p.63).

⁴⁶ “A teoria do direito natural objetivo parte da idéia de Deus como legislador supremo e afirma haver uma ordem jurídica natural criada por Ele, ordenando hierarquicamente os seres segundo sua perfeição e seu grau de poder, e determinando as obrigações de mando e obediência entre esses graus, em que o superior naturalmente comanda e subordina o inferior, o qual também naturalmente lhe deve obediência. A teoria do direito natural subjetivo, por sua vez, afirma que o homem, por ser dotado de razão e vontade, possui naturalmente o sentimento do bem e do mal, do certo e do errado, do justo e do injusto, e que tal sentimento é o direito natural, fundamento da sociabilidade natural, pois o homem é, por Natureza, um ser social” (CHAUI, 2000, p.64).

atende às ideologias. Os índios foram os primeiros. Era obra espontânea da Natureza a escravidão desses habitantes descobertos com o Brasil. Tudo muito bem explicável e naturalmente inquestionável.

ANDRESA MARIA

Pela ordem jurídica natural, os nativos eram considerados inferiores e deveriam ser mandados por seus superiores naturais, os colonizadores. Se analisarmos pela teoria do direito da Natureza subjetivo, Naná, os índios não são considerados sujeitos de direito por serem classificados como selvagens. Não sendo sujeitos de direito, só resta aos índios a “natural” servidão.⁴⁷ Tudo se explica, Naná. E depois de explicado, pouco se questiona.

NANÁ

Mais contradição... Não era o índio que não tinha se adaptado ao trabalho e tinha um estilo de vida um tanto quanto “despreocupado”? Pois é... era esse mesmo índio. Por um tempo naturalmente servil, por outro tempo naturalmente preguiçoso.

ANDRESA MARIA

Os índios recusaram a natureza servil, um presente dado pelos colonizadores. A Natureza precisou ser rápida para explicar esse novo quadro.⁴⁸

NANÁ

Quem seria o próximo alvo da Natureza? O índio é naturalmente indisposto para a lavoura, mas o negro é naturalmente próprio para ela. E tudo é novamente explicado.

ANDRESA MARIA

Isso mesmo, minha filha... “A Natureza reaparece, ainda uma vez, pelas mãos do direito natural objetivo – pelo qual é legal e legítima a subordinação do negro inferior ao branco superior - e do direito natural subjetivo, porém não mais sob a forma da servidão voluntária

⁴⁷ CHAUI, 2000, p.64.

⁴⁸ CHAUI, 2000, p.65.

e sim pelo direito natural de dispor dos vencidos de guerra.”⁴⁹ Essa naturalização, Naná, ocultava um novo setor do comércio colonial: o tráfico negreiro.⁵⁰

NANÁ

Depois de muito conversar com minha mãe, voltei ao livro. Lá encontrei palavras que ficaram gravadas durante todo esse meu percurso: “A escravidão dos índios e dos negros nos ensina que Deus e o Diabo disputam a Terra do Sol. Não poderia ser diferente, pois a serpente habitava o Paraíso.”⁵¹ Em contradição à sua definição, o Paraíso não era tão perfeito!

ESPELHO

Como você é ingênua, Naná Kenu! Procurando o mundo perfeito? Você está longe demais disso, a escuridão te persegue. Eu te dei uma chance... você apagou a luz, escureceu o seu mundo. A perfeição é impossível, Naná!

NANÁ

Mesmo sem ter compreendido completamente todas as contradições, eu senti necessidade de avançar. Eu sabia que os três elementos tinham que estar juntos. O primeiro estava latente em meus poros à espera dos próximos. E fui atrás da sagração da história.

ANDRESA MARIA

A história providencial eclesiástica é “(...) unitária e contínua porque é manifestação da vontade de Deus no tempo, o qual é dotado de sentido e finalidade graças ao cumprimento do plano divino.”⁵² A história profética milenarista é a “expectativa do porvir, (...) a ‘história do futuro’. A profecia traz um conhecimento do que está muito longe no tempo – o sentido do passado e do futuro – daquilo que está muito longe no espaço – os acontecimentos do presente não presenciados diretamente pelo profeta. A profecia oferece

⁴⁹ CHAUI, 2000, p.66.

⁵⁰ CHAUI, 2000, p.66.

⁵¹ CHAUI, 2000, p.66.

⁵² CHAUI, 2000, p.71.

aos homens a possibilidade de conhecer a estrutura secreta do tempo e dos acontecimentos históricos, isto é, de ter acesso ao plano divino.”⁵³

NANÁ

Essas são as duas portas de entradas do Brasil da história.⁵⁴ “Mas tanto na via providencial como na via profética, somos agentes da vontade de Deus e nosso tempo é o da sagração do tempo. A história é parte da teologia”⁵⁵. Para acreditar em tudo isso, eu precisava duvidar de Deus. Será que o caráter divino que estaria em questão? Será que Deus também era uma construção? Na verdade, eu acho que Ele não tem nada ver com isso.

O espelho não consegue ouvir tudo sem interferir. Ele estava tão acostumado a fazer isso, a ditar. É difícil par ele ficar calado.

ESPELHO

Tenha mais respeito, menina! Não fale o nome de Deus em vão, não duvide de Sua onipotência. Além de negra, ainda quer ser excomungada! Você deve dar graças a Ele por não estar em situação pior.

NANÁ

As coisas pareciam melhores no meu percurso... Eu entendia melhor, apesar de todas as minhas dúvidas, as minhas indignações e as contradições encontradas. Mas ainda faltava um elemento... a sagração do governante.

⁵³ CHAUI, 2000, p.71.

⁵⁴ “O Brasil, achamento português, entra na história pela porta providencial, que tenderá a ser a versão da classe dominante, segundo a qual nossa história já está escrita, faltando apenas o agente que deverá concretizá-la ou contemplá-la no tempo. É essa visão que se encontra na abertura no Hino Nacional, quando um sujeito oculto – ‘ouviram’ – é colocado como testemunha de ‘um brado retumbante’, proferido por ‘um povo heróico’, grito que, ‘no mesmo instante’, faz brilhar a liberdade no ‘céu da pátria’. Num só instante ou instantaneamente surge um povo heróico, significativamente figurado pelo herdeiro da Coroa portuguesa, que, por um ato soberano da vontade, cinde o tempo, funda a pátria e completa a história. Mas também entramos na história pela porta milenarista, que, pouco a pouco, tenderá a ser a via percorrida pelas classes populares. (...) Pela história profética, nossa história está prometida, mas inteiramente por fazer, devendo ser obra da comunidade dos santos e dos justos, exército auxiliar do Messias na batalha última contra o Anticristo, isto é, a treva, o mal e a injustiça” (CHAUI, 2000, p.79).

⁵⁵ CHAUI, 2000, p.79.

ANDRESA MARIA

São duas formulações medievais diferentes, mas que se completam para legitimar o poder teocrático.

NANÁ

E minha mãe ia buscar o livro pra me explicar da melhor maneira possível, pra deixar que eu buscasse um caminho diante daquelas palavras tão densas sobre o passado... sobre o presente... sobre o processo.

ANDRESA MARIA

A primeira afirma que “(...) se algum homem possuir poder é porque o terá recebido de Deus, que, por uma decisão misteriosa e incompreensível, o concede a alguém, por uma graça ou um favor especial. A origem do poder humano é, assim, um favor divino àquele que representa a fonte de todo poder, Deus. Isso implica uma idéia muito precisa da representação política: o governante não representa os governados, mas representa Deus, origem transcendente de todo poder. Representante de Deus, o governante age como Seu mandatário supremo, e governar é realizar ou distribuir favores. É por uma graça ou por um favor do rei que outros homens terão poder, pelo qual se tornam representantes do rei.”⁵⁶ Entendeu, minha filha? O rei é o representante de Deus e está acima da lei, não pode ser julgado por ninguém.

NANÁ

Era difícil entender essa compreensão de mundo tão valorativa, tão julgadora e protetora. Difícil porque a minha visão era outra, tinha outra história... estava sendo construída de uma forma diferente.

⁵⁶ CHAUI, 2000, p.82-83.

ANDRESA MARIA

A segunda formulação, Naná, fala que “o governante representa Deus porque possui uma natureza mista como de Jesus Cristo. (...) O governante possui dois corpos: o corpo físico mortal e o corpo político ou místico, eterno, imortal, divino.”⁵⁷

Naná sempre procurava relacionar com seu país. Era uma preocupação constante.

NANÁ

E no Brasil? Como que esse poder era visto no Brasil-colônia? Aí eu descobri que aparece novamente a ideologia do direito natural objetivo. Tudo era encarado com a naturalidade necessária⁵⁸.

ANDRESA MARIA

Você já pensou nas relações sociais na época, Naná? A sociedade é inteiramente hierárquica. Os negros eram escravos, propriedades. Os que eram livres – homens pobres, mulatos e mestiços – não tinham espaço para ascensão. Tinham a imagem associada à vadiagem.⁵⁹

NANÁ

Eu consegui pensar em três palavras para definir as relações sociais: mandar, obedecer e favorecer.⁶⁰ Palavras que eu ainda encontro em certas relações...

ANDRESA MARIA

E a sagração do poder deixou efeitos, Naná Kenu.

⁵⁷ CHAUÍ, 2000, p.83.

⁵⁸ “A centralização monárquica [na colônia] é enxergada com as lentes da ideologia do direito natural objetivo e, portanto, como necessária e natural. E todo os poderes são percebidos como formas de privilégios e favores que emanam diretamente da vontade da Coroa, vontade que tem força de lei” (CHAUÍ, 2000, p.84-85).

⁵⁹ CHAUÍ, 2000, p.84.

⁶⁰ “Disso [da sociedade hierárquica] resulta que as relações sociais se realizam sob a forma de mando-obediência e do favor, tornando indiscernível o público e o privado, estruturalmente já confundidos porque a doação, a arrecadamento e a compra de terras da Coroa garante aos proprietários privilégios senhoriais com que agem no plano público ou administrativo” (CHAUÍ, 2000, p.84).

NANÁ

E eu não parava de pensar neles... e voltei à sagração da história. Nesse encontro, descobri mais coisas sobre o mito fundador. Ele atende a todos: dominantes e dominados.⁶¹ Cada um de um jeito, mas sem margem para problemas e reclamações.

ESPELHO

E aí, Naná Kenu, isso tudo que você aprendeu caiu na prova? Onde que você aplicou esse *(a ironia da fala chega a ser insuportável)* tão rico e esforçado conhecimento? De que adiantou tudo isso, me diga? Nada *(o espelho ri com uma satisfação enorme na tentativa de humilhar Naná)* Bom, talvez sirva para alguma coisa no futuro. Guarde tudo para explicar para seus filhotes. Caso você não limpe o útero⁶², você vai precisar!

Naná fala com o espelho, sem muita paciência. A voz dele já era irritante e completamente deslocada.

NANÁ

O conhecimento estanque realmente não serviu pra alguma coisa, não foi funcional. As minhas descobertas foram vitais, aliás... o processo é vital e infinito. Foi com isso que eu aprendi. Tive que “desaprender” muita coisa. Foi difícil, é difícil. Percepções sobre a sociedade brasileira, marcas que eu não enxergava, problemas que eu não identificava... apenas sentia.

⁶¹ “Ao articulá-las [a sagração da história e a sagração da natureza], notaremos que o mito fundador opera de modo socialmente diferenciado: do lado dos dominantes, ele opera na produção da visão de seu direito natural ao poder e na legitimação desse pretense direito natural por meio das redes de favor e clientela, do ufanismo nacional, da ideologia desenvolvimentista e da ideologia da modernização, que são expressões laicizadas da teologia da história providencialista e do governo pela graça de Deus; do lado dos dominados, ele se realiza pela via milenarista com a visão do governante como salvador, e a sacralização-satanização da política. Em outras palavras, o mito engendra uma visão messiânica da política que possui como parâmetro o núcleo milenarista como embate cósmico final entre a luz e a treva, o bem e o mal, de sorte que o governante ou é sacralizado (luz e bem) ou é satanizado (treva e mal)” (CHAUI, 2000, p.86).

⁶² “A imagem última que me ficou de minha avó era muito feia. (...) Era bem negra. Nariz grosso, biceps grossos, voz grossa. Era uma pessoa bem malandra. (...) Não gostava de negro. Dizia que crioulo, sobretudo negro, não prestava: ‘se você vir confusão, saiba que é o negro que está fazendo; se você vir um negro correr, é ladrão. Tem que casar com um branco pra limpar o útero’” (SOUZA, 1983, p.46). Essa citação refere-se ao depoimento de Luísa, uma mulher negra com 23 anos na época, recolhido por Neusa Santos Souza.

ESPELHO

Você coloca-se muito forte, menina. Pensa que eu não sei como você ficou com tudo isso. Foi muita coisa pra uma cabecinha tão fraca. Você quase não deu conta.

NANÁ

Ficou em mim o trecho que minha mãe leu. Foi um dia tão cansativo, tão exemplar dos meus estudos. Eu problematizava tudo e quis sumir por alguns momentos. O mundo parecia o mesmo, mas tudo era diferente pra mim. A minha vontade era de gritar... Eu não sabia o que fazer diante do “preto e branco” que eu enxergava em tudo. O silêncio foi minha primeira alternativa. Não tive nenhum problema com os professores, com meus colegas, com as pessoas na rua... mas tive problemas comigo. Encontrei meu porto naquelas palavras. Nelas atraquei para poder continuar a viagem.

ANDRESA MARIA

“Conservando as marcas da sociedade colonial escravista, ou aquilo que alguns estudiosos designam como ‘cultura senhorial’, a sociedade brasileira é marcada pela estrutura hierárquica do espaço social que determina a forma de uma sociedade fortemente verticalizada em todos os seus aspectos: nela, as relações sociais e intersubjetivas são sempre realizadas como relação entre um superior, que manda, e um inferior, que obedece. As diferenças e assimetrias são sempre transformadas em desigualdades que reforçam a relação mando-obediência. O outro jamais é reconhecido como sujeito nem como sujeito de direitos, jamais é reconhecido como subjetividade nem como alteridade. As relações entre os que se julgam iguais são de ‘parentesco’, isto é, de cumplicidade ou de compadrio; e entre os que são vistos como desiguais o relacionamento assume a forma do favor, da clientela, da tutela ou da cooptação. Enfim, quando a desigualdade é muito marcada, a relação social assume a forma nua de opressão física e/ou psíquica. A divisão social das classes é naturalizada por um conjunto de práticas que ocultam a determinação histórica ou material da exploração, da discriminação e da dominação, e que, imaginariamente, estruturam a sociedade sob o signo da nação una e indivisa, sobreposta como um manto protetor que recobre as divisões reais que a constituem.”⁶³

⁶³ CHAUI, 2000, p.90.

NANÁ

O outro, o diferente... a discriminação... Eu não sabia mais no que pensar porque eu sentia tudo ao mesmo tempo. Mais um mergulho nas palavras lidas por Dona Andresa Maria...

ANDRESA MARIA

“(...) tendemos a não perceber que é a sociedade brasileira que é autoritária e que dela provêm as diversas manifestações do autoritarismo político.”⁶⁴

NANÁ

Uma sociedade autoritária... Acho que eu nunca tinha pensado nessa palavra. Talvez injusta, discriminatória, excludente... mas não autoritária. Era uma definição muito forte! Então percebi que era hora de continuar a viagem. Precisava viver com meus novos olhos, com meus novos cabelos enrolados, com meu novo nariz grosso, com minha nova cor negra. Precisava conhecer o mundo com minha nova forma... fui à procura de novas sensações.

ESPELHO

Mas garanto que você se arrependeu. Está cansada de saber que quem procura acha. Foi mexer no que não devia. Bem-feito, sofredora!

NANÁ

Por que uma sociedade autoritária? Traços que marcam, que definem isso... Ah, sim. Realmente faz sentido. A naturalização é lei, a gênese é perdida, o contexto é natural e divino.⁶⁵ Explicações naturais. Privilégio pra uns, repressão pra outros. É... *(pausa)* autoritária.

⁶⁴ CHAUI, 2000, p.90.

⁶⁵ “As divisões sociais são naturalizadas em desigualdades postas como inferioridade natural (no caso das mulheres, dos trabalhadores, negros, índios, imigrantes, migrantes e idosos), e as diferenças, também naturalizadas, tendem a aparecer ora como desvios da norma (no caso das diferenças étnicas e de gênero), ora como perversão ou monstruosidade (no caso de homossexuais, por exemplo). Essa naturalização, que esvazia a gênese histórica da desigualdade e da diferença, permite a naturalização de todas as formas visíveis e invisíveis de violência, pois estas não são percebidas como tais; (...)” (CHAUI, 2000, p.90).

O espelho continua em tarefa árdua de chamar a atenção de Naná. Ela já não quer mais conversa, não quer mais reflexo. Ele insiste.

ESPELHO

Mas você não parou por aí, não foi mesmo Naná? Tinha que continuar...

NANÁ

Outras leituras, outras vivências, outros encontros... a compreensão do mito fundador do Brasil me colocou de frente com um novo mundo, um mundo negro que eu me recusei a enxergar por tanto tempo. Não por falta de vontade, mas por nem saber que ele existia. Continuei pesquisando o meu dia-a-dia, a minha escola, a minha rua... comecei a conhecer o mundo a partir de mim.

ESPELHO

Você continuou a procurar teorias, estudos, ensaios, teses... que explicassem o preconceito racial. A condição de inferior não te agradava, né Naná? Você queria ser negra e não queria ser inferior? Se você quer ser negra, seja uma negra de verdade, Naná! Comporte-se como tal! Aceite e pronto!

NANÁ

Foi numa dessas buscas que eu encontrei escritos sobre a expansão teórica do racismo. Era a ciência da época a serviço das diferenças raciais! Século XIX, a partir de 1859... era assim mesmo que estava no livro: "A partir de 1859, com a publicação da obra *A origem das espécies* do biólogo C. Darwin, surge, na Europa, uma séria de teorias racistas que atestam a existência de uma raça inferior (negros e não-europeus) e uma raça superior (os brancos) e justificando o domínio dos brancos sobre os negros."⁶⁶ Eu li várias vezes esse trecho e depois eu mostrei pra minha mãe. Eu sabia que ela tinha mais pra me contar.

⁶⁶ SANTOS, 2001, p.98.

ANDRESA MARIA

Pra você ver, Naná, como que a razão e natureza humana continuaram com a mesma configuração.⁶⁷ Realmente aconteceu uma expansão de teorias racistas “a partir das interpretações equivocadas e abusivas das teorias evolucionistas de Charles Darwin. Foi feita uma hierarquização das diferenças de ordem física que se constatam entre os seres humanos, transformando-as em desigualdades, em marcas de superioridade para uns (...) e de inferioridade para outros (...)”⁶⁸. Não preciso nem te dizer quem é quem nessa hierarquia, né minha filha?

NANÁ

É, infelizmente, eu já sabia. Eu sabia também que o Brasil não tinha ficado de fora. As teorias racistas chegaram aqui. Médicos, sociólogos... historiadores, enfim... todos buscando provas da inferioridade negra. E queriam mais... queriam provar que a grande quantidade de negros no Brasil comprometia a raça brasileira.⁶⁹

ANDRESA MARIA

Era o movimento de eugenia, Naná, que vinha chegando ao Brasil. Era tanto negro que nosso país foi considerado um “exemplo de ineficácia biológica hereditária”.⁷⁰ Dá pra acreditar nesse nome, minha filha? É... mas o Brasil estava longe de ter uma “raça pura”, e era isso que o movimento queria.

⁶⁷ “A razão e a natureza humana, neste período histórico [no final do século XVII e início do século XVIII], eram configuradas como brancas na sua origem e, como tal, formavam uma entidade universal. (...) o paradigma se auto-estabelece como uma ‘norma que representa um modo de pensamento autoritário, delimitado e hierárquico’, que compõe as estruturas sociais em vigor” (ROSSATO, GESSER, 2001, p.13-14).

⁶⁸ SILVA, 2001, p.76.

⁶⁹ “No caso brasileiro, o enraizamento das idéias racistas deu-se pelas teses de médicos, juristas, escritores, sociólogos e historiadores que buscaram comprovar a suposta inferioridade da população negra e os malefícios da predominância de negros/as no país, durante fins do século XIX e primeiras décadas do século XX” (SILVA, 2001, p.76).

⁷⁰ “(...) as premissas do movimento da eugenia trouxeram as explicações de tais fenômenos raciais ao Brasil, classificando-o como um exemplo de ineficácia biológica hereditária, fazendo com que conforme a cor da pele as pessoas se sentissem mais ou menos privilegiadas umas em relação às outras” (ROSSATO, GESSER, 2001, p.16).

NANÁ

Minha mãe, como sempre, me dando pistas para orientar minhas descobertas. Eugenia: “bom no nascimento”. Movimento que começou em 1880. Os comportamentos eram considerados hereditários. A atuação do indivíduo na sociedade era determinada por sua composição hereditária.⁷¹ E como minha mãe havia me contado, o objetivo era uma raça pura. Uma raça branca, pura e soberana.

Essa lembrança traz muita felicidade à Naná. Ele reencontra o amigo. Eles voltam a descobrir juntos algumas coisas.

CAUÊ

Naná, eu também tenho lido algumas coisas, mas você mergulhou mesmo. É impressionante como tudo está tão longe da gente, como precisamos nos esforçar tanto para ter acesso a coisas que deviam ser discutidas no nosso dia-a-dia. Eu também quero me aprofundar, tirar minhas dúvidas. Eu converso bastante com o meu irmão, ele está me ajudando muito. Pena que minha mãe acha tudo uma bobagem! Eu achava também, mas estou percebendo a importância de tudo. E eu que peguei tanto no seu pé, hein Naná? Desculpa esse seu amigo, tá?

NANÁ

O Cauê tinha voltado a ser meu companheiro de descobertas. Como foi bom voltar a partilhar tudo com o meu amigo de tanto tempo. Tempo novos prometiam!

ESPELHO

O menino não sabia o que estava fazendo! Ele queria te ajudar... e você acabou atrapalhando a vida dele. Era tão bom o menino Cauê.

⁷¹ “(...) o início do movimento se deu em 1880 quando Francis Galton, um antropólogo inglês que dedicou sua vida aos estudos da inteligência, criou o termo eugenia, o qual vem do grego e significa ‘bom nascimento’. A crença estabelecida por meio desse movimento era a de vários aspectos do comportamento humano (moral, social, intelectual) eram considerados hereditários. O movimento veiculava também a idéia de que por meio da composição hereditária do ser humano era possível prever sua futura atuação (*performance*) na sociedade” (ROSSATO, GESSER, 2001, p.14).

NANÁ

Eu mostrei pra ele o caminho que eu percorri, nós fomos dividindo coisas. Eu continuei a percorrer, a traçar, a desenhar, a sentir... Busquei mais sobre as teorias racistas no Brasil. Apareceu a Antropologia do século XIX nas minhas leituras. Orientada pelas concepções evolucionistas... um desenvolvimento de “espécies” humanas.⁷² As sociedades européias constituem a referência.⁷³

ANDRESA MARIA

Isso, minha filha. Busque mais na Sociologia, na História... pesquise mesmo. Você vai encontrar muita informação e você estará mais próxima das palavras. A cada leitura, maior a aproximação. Leia mais, Naná. Ainda vamos conversar muito sobre esses assuntos. Que tal uma música agora?

NANÁ

E nós cantamos e dançamos muito. Fizemos a maior festa! Eu brinquei com toda a percussão que tinha em casa. Mamãe tocou violão magicamente... música, dança... estímulos pra procurar novas sensações. Fui atrás de mais coisas sobre o preconceito racial no Brasil, sobre essa grande nação.

CAUÊ

Tome aqui os livros, Naná! Meu irmão disse pra ter cuidado com eles. Ah, e não precisa ter pressa pra devolver. Ele disse que não vai precisar deles tão cedo.

NANÁ

O irmão mais velho do Cauê era bem ligado ao movimento negro. Na época, eu nem sabia o que era isso direito. Ele tinha muitos livros... sabia de muita coisa. Mesmo sem precisar

⁷² “Num contexto em que reinavam teorias racistas que justificavam o processo escravista e impediam o pleno acesso das populações negras, no Brasil, à sociedade pós-abolição, se desenvolve a antropologia do século XIX. Nesta primeira fase, como uma ciência positiva, teve como principal orientação as concepções evolucionistas, cujo tratamento sobre a diversidade considerava diferentes estágios de um desenvolvimento único e linear...” (SANTOS, 2001, p.98-99).

⁷³ “No entanto, as sociedades européias eram as eleitas na escala de valores. Ou seja, para que, com base na maior ou menor semelhança com o seu estilo de vida, do simples ao complexo, as diferentes sociedades fossem classificadas como superiores ou inferiores” (SANTOS, 2001, p.98-99).

de pressa, eu devorei aqueles livros. Minha mãe tinha razão. Muita informação, muita novidade. E no meio desses livros, eu me debrucei sobre a “nação”, a invenção histórica da nação.⁷⁴

ESPELHO

A palavra “nação” vem do latim e “significa o parto de animais, o parto de uma ninhada”⁷⁵.

Isso é muito simples, Naná!

Naná ouve. Suas lembranças são como filmes. Nada muito cronológico, mas tudo com muito significado.

NANÁ

Significa muito mais que isso... Já teve vários significados... “Indivíduos nascidos ao mesmo tempo de uma mesma mãe”, “indivíduos nascidos num mesmo lugar”, pagãos, estrangeiros, “indivíduos que não possuíam um estatuto civil e político”... um conceito biológico.⁷⁶

ANDRESA MARIA

Apareceu no vocabulário político por volta de 1830 e sofreu mudanças. Cada termo utilizado por um período está vinculado a novas situações históricas. “Princípio da nacionalidade”, “idéia nacional” e “questão nacional”.⁷⁷

⁷⁴ “É muito recente a invenção histórica da nação, entendida como Estado-nação, definida pela independência ou soberania política e pela unidade territorial e legal. Sua data de nascimento pode ser colocada por volta de 1830” (CHAUI, 2000, p.14).

⁷⁵ CHAUI, 2000, p.14.

⁷⁶ “Por significar o ‘parto de uma ninhada’, a palavra *natio*/nação passou a significar, por extensão, os indivíduos nascidos ao mesmo tempo de uma mesma mãe, e, depois, os indivíduos nascidos num mesmo lugar. Quando, no final da Antiguidade e início da Idade Média, a Igreja Romana fixou seu vocabulário latino, passou a usar o plural *nationes* (nações) para se referir aos pagãos e distingui-los do *populus Dei*, o ‘povo de Deus’. Assim, enquanto a palavra ‘povo’ se referia a um grupo de indivíduos organizados institucionalmente, que obedecia a normas, regras e leis comuns, a palavra ‘nação’ significava apenas um grupo de descendência comum e era usado não só para referir-se aos pagãos, em contraposição aos cristãos, mas também para referir-se aos estrangeiros (era assim que, em Portugal, os judeus eram chamados de ‘homens da nação’) e a grupos de indivíduos que não possuíam um estatuto civil e político (foi assim que os colonizadores se referiram aos índios falando em ‘nações indígenas’, isto é, àqueles que eram descritos por eles como ‘sem fé, sem rei e sem lei’). Povo, portanto, era um conceito jurídico-político, enquanto nação era um conceito biológico” (CHAUI, 2000, p.14-15).

⁷⁷ São termos de Eric Hobsbawm que Marilena Chauí utiliza em seu texto.

NANÁ

“Princípio da nacionalidade”: 1830 a 1880. A nação está ligada ao território. Precisava haver “um território extenso e uma população numerosa”⁷⁸ para constituir um Estado-nação.

CAUÊ

“Idéia nacional”: 1880 a 1918. Novos elementos aparecem: a língua, a raça, a religião. Um instrumento unificador da sociedade.⁷⁹

ANDRESA MARIA

“Questão nacional”: de 1918 aos anos 1950, 1960. Definida por um conjunto de lealdades políticas. O discurso vem dos partidos políticos e do Estado.⁸⁰ Os símbolos nacionais se integram à vida cotidiana. Época do “nacionalismo militante”.⁸¹

NANÁ

Conseguí compreender a passagem da idéia de “caráter nacional” para a de “identidade nacional”.⁸² As construções do “caráter nacional”... ideologias. “... sempre algo pleno e

⁷⁸ CHAUÍ, 2000, p.17.

⁷⁹ “(...) foi exatamente no momento em que a divisão social econômica das classes apareceu com toda clareza e ameaçou o capitalismo que este procurou na ‘idéia nacional’ um instrumento unificador da sociedade. Não por acaso, foram os intelectuais pequeno-burgueses, apavorados com o risco de proletarização, que transformaram o patriotismo em nacionalismo quando deram ao ‘espírito do povo’, encarnado na língua, nas tradições populares ou folclore e na raça (conceito central das ciências sociais do século XIX), os critérios da definição da nacionalidade.

A partir dessa época, a nação passou a ser vista como algo que sempre teria existido, desde tempos imemoriais, porque suas raízes deitam-se no próprio povo que a constitui” (CHAUÍ, 2000, p.18-19).

⁸⁰ CHAUÍ, 2000, p.16.

⁸¹ “Além de se apropriar da elaboração nacionalista, feita nas etapas anteriores (expansão e ‘unificação’ do território, ‘espírito do povo’ e raça), o nazi-facismo e os vários nacionalismos desse período contaram com a nova comunicação de massa (o rádio e o cinema) para ‘transformar símbolos nacionais em parte da vida cotidiana de qualquer indivíduo e, com isso, romper as divisões entre a esfera privada e a local pública e nacional’. A primeira expressão dessa mudança aparece nos esportes, transformados em espetáculos de massa nos quais já não competem equipes e sim se enfrentam e se combatem nações (...). Passou-se a ensinar às crianças que lealdade ao time é lealdade à nação. Passeatas embandeiradas, ginástica coletiva em grandes estágios, programas estatais pelo rádio, uniformes políticos com cores distintivas, grandes comícios marcam esse período como época do ‘nacionalismo militante’” (CHAUÍ, 2000, p.19-20).

⁸² “O processo histórico de invenção da nação nos auxilia a compreender um fenômeno significativo, no Brasil, qual seja, a passagem da idéias de ‘caráter nacional’ para a de ‘identidade nacional’. O primeiro corresponde, grosso modo, aos períodos de vigência do ‘princípio da nacionalidade’ (1830-1880) e da ‘idéia nacional’ (1880-1918), enquanto a segunda aparece no período da ‘questão nacional’ (1918-1960)” (CHAUÍ, 2000, p.21).

completo, seja essa plenitude positiva (...) ou negativa (...).⁸³ “Totalidade de traços coerente, fechada e sem lacunas...”⁸⁴ Constituição de uma “natureza humana” determinada. Já a ideologia da “identidade nacional” percorreu outro caminho. A diferença é necessária pra construção da identidade. É concebida “como harmonia e/ou tensão entre o plano individual e o social e também como harmonia e/ou tensão interior do próprio social”.⁸⁵

O carinho, a paciência, o companheirismo vêm juntos com essa lembrança.

ANDRESA MARIA

Eu vou te dar um exemplo, Naná, pra você entender a diferença entre as duas ideologias. “Na ideologia do ‘caráter nacional brasileiro’, a nação é formada pela mistura de raças – índios, negros e brancos – e sociedade mestiça desconhece o preconceito racial. Nessa perspectiva, o negro é visto pelo olhar do paternalismo branco, que vê a afeição natural e o carinho com que os brancos e negros se relacionam, completando-se uns aos outros, num trânsito contínuo entre a casa-grande e a senzala. Na ideologia da ‘identidade nacional’, o negro é visto como classe social, a dos escravos, e sob a perspectiva da escravidão como instituição violenta que coisifica o negro, cuja consciência fica alienada e só escapa fugazmente da alienação nos momentos de grande revolta. Na primeira, o caráter brasileiro é formado pelas relações entre o branco bom e o negro bom (se nosso caráter for louvado), ou entre o branco ignorante e o negro indolente (se nosso caráter for depreciado). Na segunda, a identidade nacional aparece como violência branca e alienação negra, isto é, como duas formas de consciência definidas por uma instituição, a escravidão.(...) a primeira imagem é da escravidão benevolente, enquanto a segunda imagem é a da escravidão como violência, mas nos dois casos os negros são percebidos como os que realmente foram, tirando desses homens e mulheres ‘sua capacidade de criar, de agenciar e ter consciências políticas diferenciadas’, numa palavra, despojando-os da condição de sujeitos sociais e políticos.”⁸⁶

⁸³ CHAUI, 2000, p.21.

⁸⁴ CHAUI, 2000, p.21.

⁸⁵ CHAUI, 2000, p.26.

⁸⁶ CHAUI, 2000, p.26-27.

NANÁ

Com isso tudo muito vivo, fui na casa do Cauê entregar um dos livros. Ah, como foi gostoso aquele dia! Conversar sem ver o tempo passar... O irmão de Cauê estava lá. Como aprendemos! Nossos olhos brilhavam enquanto ele falava. Tudo muito sensível...! Ele explicava e nós íamos descobrindo novos caminhos.

IRMÃO DO CAUÊ

Posso falar pra vocês sobre algumas abordagens da questão racial no Brasil. Vejamos... Vamos falar um pouco de Gilberto Freyre. Ele escreveu esses livros aqui... *Casa grande e Senzala e Sobrados e mucamos*. Ele defendeu a existência de uma democracia racial na qual “negros, índios e brancos convivem harmoniosamente, sem diferenças, exclusão ou repressão.”⁸⁷ Ele mostrou em seus livros que a mistura de raças aconteceu no Brasil deu origem a uma raça intermediária, uma raça nova. Portanto, aqui não haveria espaço para o preconceito racial.⁸⁸

NANÁ

Eu lembrei do mito fundador... Mas não havia nem a tentativa de justificar as diferenças. Elas foram simplesmente negadas. Simplesmente elas não existiam mais? Lembrei também do caráter nacional brasileiro... era a exacerbação da plenitude positiva.

IRMÃO DO CAUÊ

Tem uma outra abordagem que é liderada por Florestan Fernandes. Ela “aponta para uma profunda desigualdade entre os segmentos branco e negro da população.”⁸⁹ Esse grupo mostra a existência de uma discriminação disfarçada e contraditória aos valores cristãos de igualdade pregados pela sociedade. Há uma ênfase nas relações de classes.⁹⁰

⁸⁷ SOUZA, 2001b, p.46.

⁸⁸ SOLIGO, 1996, p.18.

⁸⁹ SOUZA, 2001b, p.46.

⁹⁰ SOLIGO, 1996, p.19-20.

NANÁ

Ele falou mais sobre esse grupo. A análise era feita “a partir do processo de desagregação do sistema escravista e da constituição de uma sociedade de classes.”⁹¹ Os problemas dos negros eram considerados os mesmos da classe operária e das massas populares. Depois ele falou sobre Carlos Hasenbalg.

IRMÃO DE CAUÊ

Esse autor faz algumas críticas ao grupo de Florestan. Pra ele, há uma redução dos problemas do negro. Pra ele, os caras enxergam como algo só econômico. Deixa eu ler um trechinho pra vocês saberem melhor como é que ele pensa. Espera aí... Tá aqui... Vamos ver... Escuta só: “O racismo integra-se à estrutura das relações capitalistas, configurando-se num conjunto de práticas discriminatórias, que determinam a posição desvantajosa da população negra nas relações de produção e distribuição.”⁹²

NANÁ

O nosso papo durou horas... Eu saí da casa do Cauê bem diferente. Aliás, a cada leitura, a cada encontro com o novo, eu descobria uma nova Naná Kenu. Eu me transformava com o novo, com o diferente. É um processo inexplicável... é vivido, sentido!

O espelho cansa um pouco de agredir. Assume um papel de vítima. Naná ouve. Isso já tinha acontecido em outras situações.

ESPELHO

Eu que bem sei que você mudou! A cada coisa que você lia, você se afastava de mim. Você não me ouvia mais... não queria mais saber do meu reflexo.

NANÁ

Eu não parava mais de pensar no Brasil, nesse preconceito tão contraditório que eu estava descobrindo. Percebi que “o racismo no Brasil é um caso complexo e singular”, que “ele se

⁹¹ SOUZA, 2001b, p.46.

⁹² SOLIGO, 1996, p.21.

afirma por meio da sua própria negação.”⁹³ Ao mesmo tempo que ele é negado com todas as forças pelas instituições, ele está visivelmente presente no sistema de valores sociais. As pessoas não aceitam que algo tão negativo possa fazer parte da nossa sociedade.⁹⁴ Ninguém quer acreditar nisso. Eu realmente queria que ele não existisse, que ele não estivesse tão enraizado em nossos costumes... mas eu sei que ele está presente. Não quero aceitar o racismo e para isso eu tive que encará-lo.

ESPELHO

Percebe como você mudou? Quando você era criança, bem criança... isso sim que foi uma época boa. Antes de você descobrir tudo, antes de tanta mudança. Você era a minha Naná! Eu que te consolava, eu que te refletia. Você nem conversava com sua mãe. Você tinha medo e vergonha, mas eu te salvava. Como era bom... logo quando você começou a ir pra escola!

NANÁ

Foi bom para descobertas precoces... para pensar as experiências vividas.

⁹³ GOMES, 2001, p.92.

⁹⁴ NASCIMENTO, 2001, p.120.

"Inauguram a
violência e que oprimem,
e que exploram, e que
não se reconhecem nos
outros"

PAULO FREIRE

"A minha vida de todos os
dias é a de negro, como
tal, mantenho com a
solidade uma relação de
negro. No Brasil, ela não é
das mais confortáveis."

MILTON SANTOS

ATO III

Os muros brancos da escola

Agora Naná aparece com o rosto todo negro. A roupa, toda preta, está manchada de branco. O espelho está mais próximo, bem perto.

NANÁ

A expectativa de ir pra escola era grande. Minha mãe falava muito da escola. Eu acreditava que ia ser muito legal, muito divertido. Ia aprender muitas coisas, fazer vários amigos. Realmente eu aprendi bastante coisa, mas não foi assim tão divertido como eu imaginava. Na verdade, não foi nada divertido.

Naná volta para um universo da sua vida muito complicado. Essas lembranças têm um outro sentido agora, mas mesmo assim deixam Naná um pouco triste. Ela vivencia cada momento novamente. Tudo é muito forte para ela.

PROFESSORA

Naná Kenu? *(Mais baixo, pra ela)* Será que tem alguma coisa errada aqui na ficha? *(Volta ao tom de voz normal)* Quem é Naná Kenu?

NANÁ

E eu levantei a mão com um sorriso no rosto.

PROFESSORA

Ah, é essa menininha... essa menininha moreninha aí atrás.⁹⁵

⁹⁵ “Precisamos entender que a criança negra não é ‘moreninha’, ‘marronzinha’, nem ‘pretinha’. Quando a criança não quer ser negra, ela está nos dizendo que não quer o tratamento costumeiro dado às pessoas pertencentes a este grupo racial. O que ele não quer é ser ironizada, receber apelidos, ser excluída das brincadeiras... Assim, melhor do que chamá-la de ‘moreninha’ para disfarçar sua negritude é cuidar para que ela receba atenção, carinho e estímulo para poder elaborar sua identidade racial de modo positivo” (CAVALLEIRO, 2001, p.156).

NANÁ

Todos olharam pra mim. Nunca tinha sido chamada daquele jeito. Eu não sabia o que significava aquilo: “moreninha”. Mas percebi que boa coisa não era.

A partir desse momento, o espelho aproveita todas as oportunidades para lembrar de seus momentos áureos, de sua influência na vida de Naná Kenu. Tão criança já tão marcada... tão refletida.

ESPELHO

Eu lembro que você me perguntou sobre essa palavra. Você se preocupou demais com o fato. Era só uma forma carinhosa que a professora encontrou pra te chamar. Ela não estava acostumada com o seu nome. Ela preferiu te chamar de outro jeito. Sem maldade, Naná. Sem te querer mal.

NANÁ

Eu aceitei a sua explicação. Mas muita coisa me incomodava. E pude perceber que aquele episódio não foi uma atitude carinhosa da minha professora. Eu descobri, aos poucos, que não tinha tanto carinho pra mim dentro da escola.⁹⁶ Eu invejava os abraços aconchegantes, os sorrisos sinceros e os beijos demorados que as outras crianças ganhavam. Pra mim, ela apenas mostrava os dentes, ela não sorria. Seus lábios se abriam, mas seu coração não. Era assim comigo e com o Cauê.

Naná lembra-se da primeira conversa que teve com Cauê, seu amigo tão querido. Isso dá uma certa sensação de conforto, quebra um pouco a tristeza das outras lembranças.

⁹⁶ “Outro aspecto bastante comprometedor é a existência de um tratamento diferenciado e mais afetivo direcionado às crianças brancas. A análise do comportamento não-verbal evidencia que as interações professor/aluno branco são caracterizadas pelo natural contato físico acompanhados de beijo, de abraços e olhar, comprovando um maior grau de afeto.

Inversamente, na relação professor/aluno negro o contato mostrou-se mais escasso, com pouca estimulação e afeto. Desse modo, a criança branca recebe mais atenção e incentivos para se sentir mais aceita e querida do que as demais, o que impõe um sofrimento sistemático às crianças negras” (CAVALLEIRO, 2001, p.147).

CAUÊ

Não liga não, amiguinha. Minha mãe me contou que as professoras não gostam muito de gente assim do nosso jeito, assim da nossa cor. Ela falou que não era pra eu ficar triste, que eu ia me acostumar com o tempo, que na escola é assim mesmo.⁹⁷ Como é o seu nome?

Lembrança doce e agradável do início de uma grande amizade.

NANÁ

Eu me lembro muito bem do rostinho do meu amigo naquele dia. Ele estava tão disponível, tão aberto a me ajudar. Ele sentia que algo não estava bem comigo. Eu ficava olhando aqueles abraços e procurando entender, pensando no que eu tinha feito de errado para não merecer a mesma atenção.

ESPELHO

Você de novo correu pra mim. O Cauê estava certo. A escola era assim mesmo e você tinha que se acostumar. Mas você tinha que provar a sua capacidade. Eu falei pra você ser bem comportada, obediente e fazer tudo muito certo. Logo todos iam perceber que você era diferente.

NANÁ

É, mas já tinham percebido antes. Eu não ganhava beijos, não ganhava abraços, não podia ser a primeira da fila, não tinha muitos amigos.⁹⁸ Ainda bem, eu tinha minha mãe. Abraços que compensavam, mas que me faziam entender menos ainda a postura da professora.

⁹⁷ “(...) a educação não atua necessariamente como agente de integração cultural. Ao contrário, mantém uma estrutura segmentada e uma hierarquia social na qual as barreiras definidas pela cor da pele foram reforçadas por novos mecanismos de exclusão social” (SOUZA, 2001b, p.52).

⁹⁸ Soligo (1996, p.55) afirma que “a cor parece determinar as predisposições da escola em relação à criança” em diferentes níveis tais como: relacionamento com os colegas, relacionamento, com professores e funcionários, proibição de participação em posição de destaque, entre outros.

ANDRESA MARIA

Oi, Naná. Que saudade, minha filha. *(lembrança do abraço)*. Hum, mais que abraço gostoso. Então, como foi na escola hoje? O que você viu de novidade?

NANÁ

Nesse dia eu tinha visto mais coisas na escola, mas não eram novidades. Coisas que estavam ali, sempre, no dia-a-dia... e ninguém fazia nada.⁹⁹

CLARA

Ah, não. Eu não brinco com criança preta, não. Sai daqui, você não consegue fazer a nossa brincadeira, ela é muito difícil.¹⁰⁰

NANÁ

Foi isso que eu tinha visto na escola naquele dia. Eu não tive coragem de contar pra minha mãe. Conte pra minha professora.

PROFESSORA

Clara, não faça isso. Todos nós somos iguais perante Deus. Não há diferença alguma.¹⁰¹

NANÁ

Aquilo não me fez sentir melhor... eu me senti muito mal com as palavras da minha professora. Eu sabia que tinha diferença, ela era diferente comigo. Como ela teve coragem de falar aquilo? As palavras foram tão vazias... só me confundiram mais.

⁹⁹ “Num contexto social, em que as diferenças raciais significam desigualdade de oportunidades ‘ao silenciar, a escola grita inferioridade, desrespeito e desprezo’ para uns (negros e indígenas) e, conseqüentemente, superioridade, respeito e valorização para outros (brancos)” (SANTOS, 2001, p. 97).

¹⁰⁰ “(...) o ser negro está atrelado a um lugar imposto: o lugar de inferior, de menos inteligente, de menos capaz, de violento, de tribal” (SANTOS, 2001, p.99).

¹⁰¹ “Em alguns momentos, as práticas educativas que se pretendem iguais para todos acabam sendo as mais discriminatórias. Essa afirmação pode parecer paradoxal mas, dependendo do discurso e da prática desenvolvida, pode-se incorrer no erro da homogeneização em detrimento do reconhecimento das diferenças” (GOMES, 2001, p.86).

ESPELHO

Ainda bem que eu estava aqui pra te ajudar. Você chorava tanto, você não entendia as coisas. E te mostrei que você não podia mudar várias coisas em você. Você tinha que se esforçar para provar que existia um pedaço branco aí dentro.

NANÁ

Eu sofri muito... uma inferioridade constante.¹⁰² Eu estava começando a criar coragem para conversar com minha mãe. Ela devia saber que alguma coisa estava acontecendo. Ela sempre sentia quando algo mudava... sempre muito sensível.

ANDRESA MARIA

Quando você quiser contar algum segredo pra mamãe, pode contar. Eu sei guardar segredos como ninguém. Viu, meu amor?

ESPELHO

Mas você só contava segredos pra mim. Todas as aflições que você passava na escola, tudo que acontecia você me falava. Eu era o seu confidente, eu era o seu reflexo, Naná. *(Nesse momento, o espelho sente uma raiva da transformação de Naná. Ele não consegue entender o que deu errado na relação deles. Ao mesmo tempo que ele achava inexplicável, ele queria encontrar alguma razão pra tudo ter começado)* Por que você resolveu mudar? Era tudo tão bom.

NANÁ

Eu ainda não tinha contado nada pra minha mãe. E os problemas na escola continuavam. Problemas que só eu enxergava, que incomodavam somente a mim.

CLARA

Você tem um nome muito feio! Só podia ser nome de preto mesmo, nome de escravo.

¹⁰² “Constata-se um sofrimento por parte da criança negra exposta diariamente à situação de violência, o que torna difícil a construção de uma identidade positiva. Simultaneamente, à criança branca é ensinada uma superioridade, visto que, todo dia, recebe provas fartas dessa premissa” (CAVALLEIRO, 2001, p.147).

NANÁ

Foram tantos acontecimentos que envolviam meu nome... E o silêncio que eu encontrava na escola me deixava ainda mais triste.¹⁰³ Eu chorava escondida quase todo dia quando voltava da escola. Só meu espelho via.

ESPELHO

Eu te consolava, mas eu não podia mudar seu nome. Você tinha que aceitar. Tinha que mostrar que seu nome podia ser de preto, mas as outras coisas não. Você tinha que mostrar que era inteligente e comportada. Que tinha uma família boa e estruturada.

ANDRESA MARIA

O que foi minha filha? Por que você não quer ir pra aula? O que está acontecendo? Conta pra sua mãe, Naná.

NANÁ

Eu não queria preocupar minha mãe. Eu não queria contar que eu não gostava mais do meu nome e que eu gostava menos ainda daquela escola. Acho que eu tinha vergonha... Eu não queria que minha mãe passasse vergonha por minha causa. Ela era tão boa pra mim. Eu não queria dar problemas.

ANDRESA MARIA

Eu sei que está acontecendo alguma coisa e respeito o seu direito de não querer me contar. Quero que entenda, meu amor, que eu sou sua amiga, tá? Quando você sentir vontade, você me conta, tudo bem?

¹⁰³ “No Brasil, isso [construir uma compreensão efetiva da pluralidade cultural e combater a discriminação racial] significa desvelar as significações racistas da linguagem e dos conteúdos didáticos, bem como nomear as atitudes agressivas contidas em piadinha, apelidos e incidentes aparentemente ‘sem importância’. O impacto desses fatos sobre a formação de uma personalidade infantil pode ser devastador. Somente a intervenção do educador seria capaz de neutralizar a carga de sentidos pejorativos investidos na psique da criança. O tradicional silêncio apenas a confirma, ao passo que reforça não só a posição relacional agressiva da criança branca mas também o conteúdo pejorativo, com toda a carga de significações históricas” (NASCIMENTO, 2001, p. 124).

NANÁ

Não demorou muito pra eu conversar com minha mãe. Eu já sentia raiva do meu nome!¹⁰⁴
Por que eu não chamava Ana, Gabriela, Carolina, Daniela? Sei lá... qualquer nome menos o meu! E eu perguntei pra minha mãe.

ANDRESA MARIA

Eu vou contar a história do seu nome, Naná Kenu. Senta aqui no meu colo.

NANÁ

Eu não sabia que meu nome tinha uma história... Então eu sentei no colo de Dona Andresa pra ouvir o que ela tinha pra me contar.

ANDRESA

Na religião dos seus avós, Nanã Buruku é a deusa da fecundidade. As pessoas que querem ficar grávidas ou que estão grávidas fazem oferendas pra ela. Quando eu estava grávida de você, bem perto do seu nascimento, eu tive alguns problemas de saúde que colocaram a minha gravidez em risco. Seu avô fez uma oferenda a Nanã Buruku e depois de três dias você nasceu, sem nenhuma complicação. Eu e seu avô decidimos seguir a tradição da religião que diz que “as crianças nascidas após os presentes ofertados a Buruku recebem nome precedidos das sílabas Naná”¹⁰⁵ Nós escolhemos Naná Kenu que significa “Naná cuidou de mim”¹⁰⁶.

NANÁ

Eu fiquei bem surpresa com aquela história. Saber que foi escolha do meu avô e que ele se preocupou com o meu nascimento me deixou um pouco mais confortável com o meu nome. Foi bom saber um pouco da minha história, antes mesmo de eu nascer. Então, eu notei que em casa eu me sentia bem. Mas na escola era bem diferente.

¹⁰⁴ “(...) as crianças aprendem e internalizam o que se veicula no contexto em que vivem e, no caso, específico da discriminação, obviamente elas aprendem a internalizar as representações racistas” (ROSSATO, GESSER, 2001, p.17).

¹⁰⁵ SANGIRARDI, 1988, p.179.

¹⁰⁶ SANGIRARDI, 1988, p.179.

CAUÊ

Não ligue pro que elas falam do seu cabelo. Eu acho bonito. Eu gosto dos seus cachinhos. Essas meninas é que são bobas.

NANÁ

Eu me sentia feia na escola¹⁰⁷ e diante do meu espelho. Mas quando estava em casa com a minha, mãe... ah, eu me sentia linda, amada,... muito feliz!

ESPELHO

É, mas eu bem sei como você sofreu naquela escola. Lembra aquele dia que você ouviu a conversa na sala dos professores? Como você chorou quando chegou em casa.

Naná lembra das cenas daquele dia. Cenas tristes, mas que existiram e que também deixaram suas marcas.

PROFESSORA

É verdade, mesmo gente. “Os brancos são geneticamente mais bonitos que os negros.”¹⁰⁸ Isso é a realidade, a natureza, vai fazer o que?¹⁰⁹

NANÁ

Eu tive que segurar as lágrimas para não chorar ali mesmo. Eu aguardava a diretora da escola. Eu ia ligar pra minha mãe ir me buscar, não estava me sentindo bem. Depois de ouvir aquilo, fiquei pior ainda. Não dá pra explicar... doeu, eu me senti feia, eu senti raiva da minha cor¹¹⁰, eu senti raiva da escola, eu queria muito ir pra casa. A minha vontade era

¹⁰⁷ “O espaço escolar reproduz o modelo de beleza branca/européia predominante nos meios de comunicação e na vida social” (CAVALLEIRO, 2001, p.145).

¹⁰⁸ Fala de uma professora que participou da pesquisa de Soligo (1996, p.67): “A aparência física aparece como categoria que gera as atitudes preconceituosas mais explícitas.”

¹⁰⁹ “Na relação estabelecida entre professores e professoras, entre alunos e alunas devemos ater, de início, ao aspecto verbal. Muito do que a criança aprende é transmitido pela linguagem verbal. Assim, devemos prestar atenção no que falamos - direta ou indiretamente - a respeito dos que estão presentes, bem como sobre a diversidade racial da sociedade” (CAVALLEIRO, 2001, p.156).

¹¹⁰ “Os efeitos da prática racista são tão perversos que, muitas vezes, o próprio negro é levado a desejar, a invejar, a introjetar e projetar uma identificação com o padrão hegemônico branco, negando a história do seu grupo étnico-racial e dos seus antepassados” (GOMES, 2001, p.93).

de nunca mais voltar pra aquele lugar. *(Pausa. Naná reflete um pouco sobre a situação e fala um pouco mais calma)*. Naquela época, eu ainda não entendia muita coisa. Eu sofria muito. Eu não entendia... eu não sabia que a minha professora estava errada. Eu ainda não havia descoberto que o conceito de beleza também era construído... Construído por padrões que nada me favoreciam, que me perturbavam dia e noite.¹¹¹

ESPELHO

Mas você tinha que continuar indo pra escola, mesmo com todos esses problemas. Você precisava se educar, conhecer um mundo melhor, algo além dessas coisas inúteis que sua mãe te ensinava. Você tinha que conhecer a cultura legítima que estava na escola.¹¹²

NANÁ

Diante dessa raiva toda, eu comecei a observar bem a escola. Eu percebi que não tinha muitas crianças como eu na escola. Eu passei a observar isso... isso me deixou um pouco intrigada. Às vezes, eu me perguntava se eu tinha algum tipo de problema, o que havia de errado comigo.

ESPELHO

Você sofreu bastante quando começaram os apelidos. Você queria bater em todo mundo, ficou muito nervosa. Mas eu consegui te controlar. Você conseguiu se comportar bem apesar do sofrimento.

Mesmo sem saber, sem perceber, as lembranças de Naná seguiam a orientação do espelho. Ele queria lembrar do tempo bom pra ele, mas foi um tempo muito sofrido para Naná. Sofrimento que se transformou em saberes!

¹¹¹ “A ocorrência desses acontecimentos [ausência de cartazes, fotos ou livros infantis que expressem a existência de crianças não-brancas na sociedade brasileira] também na escola parece confirmar às crianças uma suposta superioridade do modelo humano branco” (CAVALLEIRO, 2001, p.145).

¹¹² “A escola transmite a ‘cultura dominante ou cultura legítima’, excluindo as crianças pobres e negras. Dessa forma, a escola contribui para a manutenção da lógica social cruel e excludente, dificultando ou negando o acesso a uma educação de qualidade (que forma cidadãos e cidadãs) para crianças de classes populares (a maioria da população do nosso país)” (SOUZA, 2001b, p.49).

NANÁ

As crianças me chamavam de preta fedida, falavam que eu não tomava banho, que iam me colocar na churrasqueira e me fazer de carvão...

ESPELHO

Falavam que você não tomava banho, que você tinha que ficar na senzala, que seu cabelo era de fuá, que você tinha bombril na cabeça... Ah, Naná, foram muitos apelidos, muitos nomes que te deram naquela escola.

NANÁ

Eu contava tudo pra professora, mas ela...

Naná lembra da apatia da escola. Como ela ficava triste como isso... junto com a lembrança vem o desconhecimento daquela época. Era um tempo de muita dúvida, de muita inferioridade, de muito dor.

ESPELHO

Ela não fazia nada¹¹³, não é mesmo Naná? A sua professora nunca fazia nada. Você não cansava de repetir isso pra mim. Você chorava porque não podia contar com ninguém dentro da escola. Mas eu estava aqui, Naná. Sempre estive aqui pra te ajudar, pra fazer você sofrer menos.

Naná reage diante de suas lembranças. Parece que o espelho começa a perder o comando, ela passa a questionar, a problematizar as lembranças.

¹¹³ “A ausência de atitude por parte de professores(as) sinaliza à criança discriminada que ela não pode contar com a cooperação de seus/suas educadores-as. Por outro lado, para a criança que discrimina, sinaliza que ela pode repetir a sua ação visto que nada é feito, seu comportamento nem sequer é criticado. A convivência por parte dos profissionais da educação banaliza a discriminação racial” (CAVALLEIRO, 2001, p.146).

NANÁ

E isso durou tanto tempo... colegas de classe me xingando, professores da escola me adjetivando. Tudo considerado muito normal.¹¹⁴ Mas aquilo não era normal pra mim... era... era ruim. Muito ruim. *(Dirigindo-se para o espelho)* Por mais que você falasse que eu tinha que entender, que eu tinha que aceitar... eu não entendia, eu não aceitava. Eu não suportava! Ainda bem que minha mãe me ajudou.

ESPELHO

Não sei porque você resolveu conversar com sua mãe. Eu sempre fui seu companheiro... Não tinha nada que meter Dona Andresa Maria na nossa relação. Ela começou a atrapalhar as coisas. As palavras dela embaçaram o seu reflexo, Naná. *(O espelho se exalta, começa a gritar, perde toda a razão, só não avança em Naná por que é um espelho, seus meios de atingir são outros)* Você tinha que continuar conversando só comigo. Era o melhor que você poderia ter feito!

NANÁ

(Calma) Eu precisava de um outro tipo de ajuda.

ESPELHO

Pra quê? Pra sofrer mais?

NANÁ

(Naná não consegue se conter diante de tantas lembranças, de tantas escolhas. Ela se emociona, fala alto. Ela precisa fazer o espelho entender os seus motivos. Ela não enxerga outro caminho que poderia ter seguido. Isso tudo é vital para ela) É claro que eu não queria sofrer! Mas eu queria um caminho de afirmação e não de negação, eu queria um caminho de enfrentamento e não de fuga, eu queria um caminho real. Eu queria entender o meu sofrimento e não simplesmente engolir seco. Eu só queria ser eu... Naná Kenu.

¹¹⁴ "As 'metáforas' no cotidiano escolar não têm o seu significado devidamente avaliado. Não há compreensão de que elas possam feri-las [as crianças negras], ser determinante de sua identidade, inferiorizando-as e oprimindo-as. Uma vez cristalizadas, passam por vezes a ser assumidas pelo oprimido, o que torna difícil a reversão do quadro de inferioridade" (CAVALLEIRO, 2001, p.146-147).

A lembrança das palavras da mãe ameniza o semblante de Naná. Lembrar dos ensinamentos de Dona Andresa fazia muito bem a qualquer hora, a qualquer momento.

ANDRESA MARIA

Minha filha, mas por que você não me contou essas coisas antes? Você não pode aceitar todas essas grosserias. Não podemos ficar quietas e fingir que nada aconteceu. A escola não pode cruzar os braços diante de tantas atitudes preconceituosas que você vem sofrendo. “A escola (...) deve promover situações de discussão, de diálogo, de questionamento.”¹¹⁵ Isso que aconteceu com você não pode ser considerado algo normal. Isso não pode fazer parte do cotidiano escolar. Os professores não podem simplesmente ficar calados, fingir que não é problema deles.¹¹⁶ Precisamos conversar com sua professora. Ela precisa pensar no silêncio que te machucou tanto. Ela precisa refletir sobre tudo isso.¹¹⁷ Ela precisa tomar outras atitudes daqui pra frente.

NANÁ

Eu não entendi todas as palavras que minha mãe tinha dito, mas eu sabia que ela estava muito brava. Eu nunca tinha visto minha mãe tão brava, tão chateada. A indignação dela me confortou bastante. Eu sabia que podia contar com ela, que ela era minha aliada. No dia seguinte, ela foi na escola comigo. Conversamos eu, minha mãe, minha professora e a diretora da escola. Foi uma conversa longa...

ESPELHO

Foi o seu primeiro passo errado! Mostrou sua fraqueza pra todos na escola. Começou a ouvir demais as palavras da sua mãe.

¹¹⁵ SANTOS, 2001, p.106.

¹¹⁶ “A escola pode garantir e promover o conhecimento de si mesmo, no encontro com o diferente. Conhecendo o outro, questiono o meu modo de ser, coloco em discussão os meus valores, dialogo. De acordo com essa visão, o racismo deixa de ser um problema da criança negra para se tornar um problema de todos. Poderíamos falar de uma ‘Pedagogia do Conflito’, na qual as situações de conflito são vistas como uma possibilidade de ação educativa; portanto, não precisam nem devem ser evitadas” (SANTOS, 2001, p.106).

¹¹⁷ É preciso que os professores sejam convidados a “refletir sobre sua própria prática pedagógica, sobre o racismo presente no meio social como um dado e sobre os mecanismos de produção, reprodução e mutação de preconceitos e discriminação raciais na instituição escolar” (SILVA, 2001, p.73).

NANÁ

Foi uma conversa muito longa...

Naná lembra de algumas frases - numa ordem sem lógica - da conversa que durou horas. Conversa que a ajudou bastante, que a aproximou de sua mãe, que foi o começo... Naná começou a ver o porquê de seus problemas... era o início da compreensão.

PROFESSORA

Mas, senhora, eu não posso ficar brigando com todas as crianças só porque elas ficam chamando sua filha de algum apelido. Tem hora que eu tenho que ficar calada e deixar eles se entenderem. Não posso tomar partido de um ou de outro. Eu tenho que ser neutra.¹¹⁸

ANDRESA MARIA

“Todos nós sabemos que a Educação é um direito social. E colocá-la no campo dos direitos é garantir espaço à diferença e enfrentar o desafio de implementar políticas públicas e práticas pedagógicas que superem as desigualdades sociais e raciais.”¹¹⁹

DIRETORA

Eu sei, Dona Andresa. É claro que a discriminação existe, mas existe na sociedade.¹²⁰ Na nossa escola não tem espaço para esse tipo de coisa. Nós não fazemos diferenciação alguma. Aqui todos são tratados igualmente.¹²¹

O espelho, que ouve todas as lembranças, não consegue ficar sem interferir. Ele fala com intenção de agredir Naná.

¹¹⁸ “Esta preocupação [com a educação calcada na informação e no questionamento crítico] deve, portanto, estar presente desde a educação da criança pequena, até a educação do futuro profissional das mais distintas áreas de trabalho.

Ou nós educadores realizamos esse trabalho ou atuamos a favor da disseminação dos preconceitos. Não há como nos mantermos neutros. É preciso optar, pois lutar contra isso não é tarefa exclusiva da população negra” (CAVALLEIRO, 2001, p.151).

¹¹⁹ GOMES, 2001, p.84.

¹²⁰ “(...) há quem reconheça que a discriminação exista, mas na ‘sociedade’ (sujeito indefinido e abstrato, que não frequenta os bancos escolares)” (SANTOS, 2001, p.102).

¹²¹ “Ao se achar igualitária, livre do preconceito e da discriminação, muitas escolas têm perpetuado desigualdades de tratamento e minado efetivas oportunidades igualitárias a todas as crianças” (CAVALLEIRO, 2001, p.147).

ESPELHO

Não adiantou nada aquela conversa. Seus colegas ainda continuaram te xingando, você ainda estava sofrendo.

NANÁ

Eu não achei que a conversa fosse mudar tudo. Mas acho que foi aí que eu comecei a entender que o problema não era exatamente comigo. Eu me senti melhor. É claro que eu ainda fiquei muito triste por causa do meu cabelo, por causa da minha cor, por causa do meu nariz... mas a cada conversa que eu tinha com a minha mãe, eu me senti melhor, parece que eu gostava mais de mim.

O espelho insiste. É como se ele não ouvisse as palavras de Naná. Ele fica sempre repetindo a sua opinião. Ele fica sempre na mesma.

ESPELHO

Aquela conversa não adiantou nada, Naná!

NANÁ

As brincadeirinhas diminuíram um pouco, mas continuaram. Eu sempre contava tudo pra minha mãe. Eu conversava com ela, dividia. As conversas na escola aconteceram com frequência. Minha mãe não ia brigar lá na escola, ela me falava que queria ajudar. Ah, isso ela sabia fazer muito bem. Ela me ajudou a mudar, desde o começo. Mesmo sem saber como, eu me sentia diferente. Hoje eu sei que eu já era outra Naná.

ESPELHO

Você já não chorava tanto na minha frente. Você quase não chorava mais. Eu te falei... foi o começo de toda essa mudança idiota!

Naná abre um sorriso ao falar desse momento tão importante em sua vida. Ela foi notada, foi percebida. Como ela foi feliz esse dia.

NANÁ

E eu acho que a escola mudou um pouquinho também. Ah, eu fiquei tão feliz no dia que a professora deixou eu falar. Eu fui a primeira a falar. Todas as crianças levantaram a mão e ela me escolheu pra falar. Eu nunca tinha sido escolhida antes. Foi maravilhoso!¹²²

ESPELHO

Grande coisa, Naná! Ela deve ter sentido pena de você, isso sim. (*Volta a acalmar-se, a falar mais baixo e mais tranqüilo*) Mas você ainda se refletia em mim. Tão linda... A imagem estava um pouco embaçada, mas quase não dava pra notar.

PROFESSORA

Pode falar, Naná. Você fala primeiro.

NANÁ

Eu nem consegui acreditar... As coisas foram melhorando. Eu fui crescendo. Mudei pra outra escola. Os meus colegas continuaram praticamente os mesmos. O Cauê continuou na minha sala. Eu mudei pra uma escola maior... lá tinha muito mais crianças. Eu acho que eu já estava gostando mais da escola. Bom, mas os problemas ainda continuaram a existir.

CLARA

Eu pelo menos sei o que sou, sou branca. Tenho identidade. E você menina, que nem sabe o que é. Uma negrinha metida a branca que não sabe o seu lugar!¹²³

NANÁ

Ah, isso tinha sido há um bom tempo. Tinha me rendido um bom tempo de choro em casa, uma boa conversa com minha mãe e uma conversa dela com a Dona Corali. Eu tirei a maior nota da sala na prova de... em alguma prova. Isso deixou Clara muito irritada, eu não

¹²² "(...) ao atribuir a devida importância à voz de um aluno que se sente discriminado, [o professor] pode favorecer a competência deste em relação ao uso da palavra oral e escrita" (SOUZA, 2001a, p.180).

¹²³ "A identidade racial branca precisa ser analisada e conceituada para que possa conhecer-se e admitir sua atuação histórica. Precisa descobrir-se como agente contribuidor da hegemonia dominante e injusta, por meio de ações ou mesmo atitudes de neutralidade que não deixam de ser uma posição política em favor do *status quo*" (ROSSATO e GESSER, 2001, p.27-28).

entendi porque. Eu até senti raiva da nota alta. Mas depois eu entendi a situação. O que eu não entendi mesmo depois de um tempo foi a identidade da Clara. Ela por ser branca teria uma identidade e eu por ser diferente dela não teria?

ANDRESA MARIA

Os brancos nem sempre se reconheceram como brancos. “A noção de identidade era geográfica, lingüística e culturalmente estabelecida”. Mas, no momento em que essa característica pode ser usada para legitimar o poder, foi interessante modificar o referencial.¹²⁴

NANÁ

Ao inferiorizar o “outro”, nenhum sentimento de culpa. O “outro” era coisificado, não tinha direitos, era submisso.¹²⁵ Talvez deveria permanecer pra sempre nessa situação: menor, abaixo... Acho que foi por isso que Clara ficou tão brava. Mas eu descobri que eu tinha identidade, que eu construía essa identidade.¹²⁶

ANDRESA MARIA

Minha filha, o que sua colega Clara falou se refere à “identidade fragmentada”. É quando o negro fica dividido em dois pólos que o atraem por motivos diferentes e em situações específicas de sua vida: o mundo dos negros e o mundo dos brancos.¹²⁷ Realmente isso acontece no processo de formação de identidade do negro, mas você está conseguindo superar toda essa atração, está percebendo que ela é construída, o que não é fácil, Naná.

¹²⁴ “Foi no desafio do encontro com o ‘outro’ (então chamados índios ou escravos negros – nomenclaturas estabelecidas para justificar sua desumanidade, invisibilidade e coisificação), não incluído como membro social, que os colonizadores anglo-europeus perceberam a branquitude como uma representação de identidade e ponto de referência para legitimizar a distinção e a superioridade, assegurando assim sua posição de privilégio” (ROSSATO, GESSER, 2001, p.13).

¹²⁵ ROSSATO, GESSER, 2001, p.12.

¹²⁶ “Não consideramos a identidade apenas como algo dado ou adquirido de forma passiva, mas também algo que se constrói com certo grau de escolha. A identidade, individual ou coletiva, pode articular-se não só como produto passivo de um conjunto de tradições e costumes, mas como *projeto*, inclusive por se constituir um processo de exercício de cidadania” (NASCIMENTO, 2001, p.115).

¹²⁷ SOLIGO, 1996, p.22-23.

NANÁ

O que eu precisava fazer era desconstruir essa “falsa identidade”, uma identidade que me foi dada pela sociedade branca e machista.¹²⁸ Eu precisava questionar os determinismos e construir a minha própria identidade.

ESPELHO

Como rendeu assunto essa tal de identidade. Como te deu trabalho, Naná. Você não precisava disso. Você só precisava ter ficado aqui, na minha frente, olhando para o seu reflexo.

NANÁ

E aos poucos fui “me tornando negra”¹²⁹

Naná começa a lembrar do mais diversos momentos de sua vida. Falas de personagens da sua vida real. Falas que cumpriram um determinado papel, que determinaram... que influenciaram Naná nas suas descobertas.

DONA CORALI

Temos que lutar pela nossa vida. Somente nós somos responsáveis pelo nosso sucesso.¹³⁰

NANÁ

Comecei a perceber que a fala das pessoas estava permeada pelos valores que queriam me entregar uma identidade pronta. Identidade que eu fui desconstruindo, desmitificando...

MARCO ANTÔNIO

Além de ser negro, ainda é pobre!¹³¹ Com esse tênis você não pode fazer aula, Cauê.

¹²⁸ NASCIMENTO, 2001, p.116.

¹²⁹ “Esse processo de tornar-se negro, o projeto de identidade negra ou afrodescendente, passa pela desconstrução das representações negativas do negro construídas socialmente por meio da ideologia do supremacismo branco” (NASCIMENTO, 2001, p.117).

¹³⁰ “O mito da democracia racial, que afirma que ‘todos são iguais perante a lei’, mas trata desigualmente, faz com que as desigualdades socioeconômicas sofridas pela população negra sejam vistas como de sua inteira responsabilidade, bastando se esforçar para conseguir ‘chegar lá’” (SANTOS, 2001, p.99).

NANÁ

Eu sabia que não bastava conhecer a diferença e respeitá-la. Era preciso mais. Era preciso questionar, criticar e transformar.¹³²

DONA CORALI

Prestem atenção, crianças. O que eu vou ler agora é sobre os direitos de vocês, é da Constituição Brasileira.

“Art 3º. Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

I - construir uma sociedade livre, justa e solidária;

II - garantir o desenvolvimento nacional;

III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.”¹³³

NANÁ

Era dia da pátria. Por isso que se falava em direitos na escola.

DONA CORALI

Entenderam, crianças?

NANÁ

A única coisa que eu sabia é que tudo que Dona Corali tinha lido precisava ser legitimado, precisava ser colocado em prática. Ali, paradas, estagnadas... elas não faziam sentido algum. Pelo menos para mim.¹³⁴

¹³¹ A população negra sofre “duplamente”: por problemas de sua classe econômica e por problemas de sua raça, recebendo influências de instituições que pretendem um modelo rígido e definido de identidade nacional. (SOLIGO, 1996, p.22)

¹³² “(...) no caso do projeto de identidade (...), não basta a afirmação da diversidade e do respeito aos valores alheios. Para construir uma compreensão efetiva da pluralidade cultural e combater a discriminação racial é preciso criticar a hegemonia do etnocentrismo ocidental e revelar os mecanismos da dominação patriarcal e colonial” (NASCIMENTO, 2001, p.124).

¹³³ Constituição Brasileira de 1988 reproduzida em www.senado.gov.br (data de acesso: 28/09/03)

¹³⁴ “Não podemos acreditar numa relação de causa e efeito entre a realidade educacional e o preceito legal. Por mais avançada que uma lei possa ser, é na dinâmica social, no embate político e no cotidiano que ela tende a ser legitimada ou não” (GOMES,2001, p.89).

ESPELHO

Você tão preocupada com todas essas besteiras e a escola não dando a mínima pra você. Você não se fez importante, Naná. Passaram a te olhar como uma negrinha, uma simples negrinha. Eu não queria isso pra você. Eu fiz de tudo pra você ser diferente. Você não pertencia àquele mundo. O mundo da escola não era seu, Naná!

NANÁ

Talvez agora eu entenda a razão dessa minha sede de novas histórias, de novos caminhos. O Brasil, dentro da escola, era muito diferente do que eu via fora dela. Coisas que eu decorava, mas... confesso que eu duvidava. Não que eu soubesse mais do que o professor. Não era nada disso (eu era ingênua demais pra pensar assim). Era incômodo mesmo. Eu não me enxergava nos livros.¹³⁵ Eu não via os conflitos que eu passava. Eu me sentia uma intrusa, lendo uma história da qual eu não fazia parte. Eu enxergava um único referencial em todos os meus livros... referencial que escolhia um modelo, um padrão.¹³⁶ Era tudo muito simples, fácil e... branco. Era muita vontade de me embranquecer!

ESPELHO

Até a Educação Física foi vítima dessa sua compulsiva vontade de saber mais. Você não tinha mais o que fazer mesmo, né Naná? Preocupar-se com a Educação Física. Pra que, Naná? Me diga, pra que?

¹³⁵ “A crítica aponta várias distorções nesse tipo de literatura [literatura didática], a começar pela quase exclusão da figura afro-brasileira do conjunto do povo brasileiro. Na discussão da formação do povo brasileiro, há ricas e detalhadas referências às diversas origens culturais européias, enquanto do negro diz-se apenas que veio da África como escravo. (...) No caso da história do negro no Brasil, em particular a abolição da escravatura, a atuação do próprio africano escravizado dá lugar à suposta generosidade paternalista do branco. Dá-se a impressão de que o africano nunca lutou pela própria liberdade, e frequentemente reforça-se esse estereótipo com a alegação de que o negro aqui veio para suprir a necessidade de mão-de-obra provocada pelo amor à liberdade e conseqüente inaptabilidade do índio ao regime escravista” (NASCIMENTO, 2001, p.118-119).

¹³⁶ “O currículo e o livro didático são veículos da ideologia racial, pois abordam superficialmente a questão do negro, sendo constituídos pelos seguintes aspectos: pouca exploração da história do negro, folclorização da cultura negra, a história contada sempre com ponto de partida no referencial da cultura branca dominante. A história é vista de forma linear e factual. Nos livros didáticos, os negros representam os trabalhadores desqualificados de maneira geral. Uma situação que aparece como determinada pela cor e não pela dinâmica social. O negro também personifica ‘o que é mau, condenável, caricaturesco, inferior’. O branco é apresentado como representante da espécie, como modelo” (SOLIGO, 1996, p.48-50).

NANÁ

Eu queria saber porque o estereótipo continuava. Eu queria entender o corpo negro tão escondido e o corpo negro tão exaltado. Queria entender a cultura negra tão divulgada e a cultura negra tão velada.¹³⁷ Então, eu comecei a pensar sobre a Educação Física da escola.

¹³⁷ “Enquanto pode ser alardeada como o lado exótico, sensual, cultural, que faz do Brasil um país festivo, alegre, sempre ligado ao som e à música (explorando ao máximo o mito da democracia racial), a herança cultural negra aparece muito bem explorada pela mídia, pelo governo e pela escola. Porém, quando se trata de analisar a atual situação das descendentes de africanos, o racismo, a invisibilidade do negro na política e nos cargos de poder, as diferentes formas de discriminação na escola e na sociedade, essa mesma herança não é levada em consideração” (GOMES, 2001, p.91-92).

"Ora te vejo
(e tu me vês)
com tédio,

E vã melancolia,

Contrafeitos,

Como a um condenado

Sem remédio"

AO ESPELHO

RUBEM BRAGA

ATO IV

O corpo negro mais visível: a Educação Física entra em quadra

Naná aparece ainda com o rosto todo preto e com sua roupa manchada de branco. As manchas são maiores e mais fortes. Os seus movimentos são mínimos e muito limitados. É como se o corpo estivesse preso, algemado, (de)formado com rigidez.

NANÁ

Essa foi outra parte da escola que marcou muito. Educação Física... ela fazia parte da escola, mas algo me mostrava que ela estava ali por acaso. Sem muita razão de ser. Depois de voltar a essas lembranças em diferentes momentos, pude compreender que a Educação Física também é uma construção e surge de necessidades sociais concretas.¹³⁸ Não são lembranças nada agradáveis, mas aprendi muito com elas.

O espelho aproveita a oportunidade de dor para intensificar todos os sentimentos negativos que essas lembranças traziam. Naná já conhecia o espelho. Já sabia sobre suas tentativas.

ESPELHO

Qual era a diferença da Educação Física, Naná? Você era excluída do mesmo jeito, você não era bem-vinda do mesmo jeito.

NANÁ

Na Educação Física era diferente.

¹³⁸ “Sendo a Educação Física uma prática pedagógica, podemos afirmar que ela surge de necessidades sociais concretas que, identificadas em diferentes momentos históricos, dão origem a diferentes entendimentos do que dela conhecemos” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.50).

ESPELHO

Ah, sim... claro. Você já chorou também por causa da Educação Física. Lá, a sua posição era de destaque, Naná. Eu não entendia porque você chorava. O professor te colocava na frente das outras, mesmo assim você chorava, você não gostava.

NANÁ

Ele não me colocava na frente... ele me deixava mais exposta, mais visível. Ele cobrava de mim elementos de uma “natureza” negra, ele queria que eu atendesse àquele estereótipo.

Mesmo sem conseguir resultado algum, o espelho insiste. Naná permanece calma. O espelho quer vê-la exaltada, nervosa, triste. Ele quer fazê-la ter saudade da época que ele sente saudade, da época dos reflexos.

ESPELHO

Você tinha vergonha de se mostrar. Você tinha medo das risadas dos seus colegas, Naná!

NANÁ

Logo quando eu mudei de escola, a Educação Física também mudou. A gente não ficava mais brincando no parquinho... a gente começou a ir pra quadra. Ah, isso quando tinha sol. Quando chovia, a gente ia pro pátio. Era a maior barulheira quando a aula era no pátio. Os professores e as professoras reclamavam muito do barulho. Talvez esse fosse um dos motivos da Educação Física não ser muito bem-vinda. Acho que ela fazia barulho demais pra estar na escola.

ESPELHO

Mas você ficava sempre bem quieta, né Naná? Do jeito que eu te ensinei.

NANÁ

Eu lembro que as aulas sempre foram muito parecidas... desde a primeira série até o terceiro ano. Acho que a única coisa que mudava era que a cada série aumentava o número

de repetições dos exercícios, era exigido mais técnica e mais força da gente. De mim, era exigido mais ainda. Do Cauê também...

ESPELHO

Mas o Cauê era um menino muito capaz, um belo jogador de futebol, um exemplo de cidadão brasileiro, representante perfeito do nosso “futebol-arte”!¹³⁹

NANÁ

A gente corria e aprendia os esportes: basquete, vôlei, handebol e futebol. Tinha que fazer tudo muito direitinho pra conseguir nota, era assim que o professor falava.

MARCO ANTÔNIO

A gente treinou o bimestre inteiro, portanto hoje é o dia da prova. Eu não aceito desculpas. Todos devem saber executar o movimento de acordo com a técnica correta.

NANÁ

A técnica correta era a dele. A que ele tinha ensinado pra gente. Era uma técnica difícil... cotovelo flexionado a noventa graus, joelhos semi-flexionados, deslocamento lateral... esquerda, direita e pula, o pé deve estar em cima da linha...¹⁴⁰ Tantas regras! Todos nós obedecíamos, mas acho que ninguém entendia muito o porquê daquilo tudo.

¹³⁹ “A identificação nacional, e a própria definição da nacionalidade no Brasil passa (...) pelo futebol. Porém, apenas um tipo de prática do mesmo é valorizado neste processo de ressaltação de pretensas substâncias do povo brasileiro: o ‘futebol-arte’. A unidade imaginada pelo futebol brasileiro acontece sempre em referência a esta prática. É interessante notar que as representações eruditas e populares a respeito desta prática específica baseiam-se em um reducionismo biológico. Pela própria história de sucesso de negros e mulatos no futebol brasileiro, representa-se o nosso estilo de praticá-lo como fundado em supostas características naturais desses jogadores de ascendência negra” (SOUZA, 1996, p.118-119).

¹⁴⁰ “Essa influência do esporte [a partir do período do pós-guerra] no sistema escolar é de tal magnitude que temos, então, não o esporte da escola mas sim o esporte na escola. Isso indica a subordinação da educação física aos códigos/sentido da instituição esportiva, caracterizando-se o esporte na escola como um prolongamento da instituição esportiva: esporte olímpico, sistema desportivo nacional e internacional. Esses códigos podem ser resumidos em: princípios de rendimento atlético/desportivo, competição, comparação de rendimento e recordes, regulação rígida, sucesso no esporte como sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas etc” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.54).

CAUÊ

Naná, não adianta! O professor não tem culpa, no vôlei só são seis jogadores de cada lado. Algumas pessoas têm que ficar de fora mesmo.

NANÁ

Eu não achava tudo tão óbvio como o Cauê. Eu perguntava porque que a gente não podia fazer diferente pra todo mundo participar.

CAUÊ

Assim não tem graça, né Naná? O jogo oficial é com seis, a gente tem que jogar com seis!

NANÁ

Eu continuava sem entender... eu não sabia porque o jogo oficial era o que tinha que ser jogado na escola. Eu achava que a gente poderia determinar como seria o jogo, quantas pessoas participariam, quais seriam as regras.¹⁴¹

ESPELHO

Você sempre com essa mania de querer mudar as coisas... Você tem que aprender a aceitar mais, a concordar mais com as coisas.

NANÁ

Mas, às vezes, o professor Marco dava alguma coisa diferente... era muito difícil, mas às vezes ele fazia algo que não era esporte. Ah, ele ensaiava a gente pra festa junina.

CLARA

A noiva não pode ser preta, Naná. A noiva tem que ser branca, pra combinar com o vestido.

¹⁴¹ “Essa concepção de Esporte Para Todos se impregna de uma antropologia, que coloca a autonomia do ser humano no centro. Não é o esporte que faz o homem, mas o homem que faz o esporte, ele determina o que, como, onde, quando, por quanto tempo, com quem, sob que regras, com que objetivos, sob que condições o pratica” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.56).

NANÁ

É fácil saber que eu nunca fui a noiva da festa junina. Eu sempre fiz par com o Cauê. Eu adorava fazer par com ele, mas o professor não colocava a gente junto porque a gente era amigo.

MARCO ANTÔNIO

Naná vai fazer par com Cauê. Vocês são... “parecidos”. É melhor fiquem juntos.

NANÁ

Mas quando era no Carnaval, nós éramos sempre escolhidos. Eu sempre fui a “Rainha do Carnaval” e ele o “Rei do Carnaval”. Acho que nós éramos escolhidos porque éramos “parecidos”¹⁴². Eu estava cansada de ser “Rainha do Carnaval”.

ESPELHO

Mas vocês são parecidos mesmo!

NANÁ

Nós somos negros... foi isso que ele quis dizer. (*Naná retoma as suas lembranças sobre as rotineiras aulas de Educação Física*) Bom, mas isso era uma vez por ano. O que a gente fazia mesmo era praticar esportes.

MARCO ANTÔNIO

Vamos, Naná! Você está muito lenta pra uma menina da sua cor. Tem que ser mais rápido!

NANÁ

Eu não gostava de fazer as coisas na frente de todo mundo. Aquela visibilidade do corpo me incomodava. Parece que todos esperavam algo a mais do meu corpo negro. Eu tinha que ser mais forte, mais rápida, mais habilidosa.

¹⁴² “Em geral, [a cultura de tradição africana] ainda é vista como algo externo aos indivíduos e não como um dos conteúdos constituintes de todos os modos de vida da nossa sociedade. De acordo com essa concepção limitada, ela se apresenta restrita às danças, à música, ao futebol, à sensualidade da mulata, ao carnaval” (GOMES, 2001, p.94).

ESPELHO

Era a oportunidade que você precisava para se destacar, Naná. Você era valorizada! Você era considerada melhor... e você não soube aproveitar.¹⁴³ Ainda bem que pelo menos seu amigo Cauê soube aproveitar a chance e ser valorizado dentro da escola.

NANÁ

O Cauê jogava bola como nenhum outro menino da escola. Todos falavam que era por causa da cor. Ninguém dizia que não.¹⁴⁴

MARCO ANTÔNIO

Não pode errar, Cauê! Pelo menos no futebol você tem a obrigação de fazer direito.

NANÁ

Era todo ano a mesma coisa, a mesma conversa. Mas teve um ano que eu comecei a reparar mais na aula de Educação Física, comecei a olhar pra ela de uma forma diferente. Foi no ano que eu conheci o Diogo.

ESPELHO

Lá vem você falar desse menino. Você sabe muito bem que eu não gosto dele.

NANÁ

Já eu gosto muito dele. Eu lembro do dia eu que vi o Diogo pela primeira vez... Um rapaz muito bonito. Magro, não muito alto, negro, tinha um ar de garoto e marcas de homem feito. Ele tinha acabado de mudar pra minha rua. Eu queria me aproximar dele, mas eu tive vergonha.

¹⁴³ “Para muitos afrodescendentes o esporte tem sido um espaço permitido para ascensão social e digno de honrarias; no Brasil principalmente por meio do futebol e nos EUA, mediante o basquetebol e o futebol americano. Mesmo atingindo o sucesso duramente almejado, muitos ainda vêm-se forçados a assumir atitudes que representam a experiência branca, como por exemplo casar-se com uma(um) loira(o) ou tratar de desenvolver uma pele mais clara aceitável pela estrutura dominante” (ROSSATO, GESSER, 2001, p.21).

¹⁴⁴ “As representações populares do ‘futebol-arte’ associam-no diretamente ao negro. Este seria, para o senso comum, quem possuiria o tipo físico ideal para a prática ‘maliciosa’ da bola, características essenciais do ‘futebol-arte’. A ‘biologização’ desse discurso é facilmente percebida inclusive pela denominação das características necessárias (e geneticamente herdadas pelos negros) à prática do futebol: ‘biotipo’”. O negro é sinônimo de velocidade, ginga e malandragem. (SOUZA, 1996, p.119).

ESPELHO

Ainda bem que você não fez nada. Onde já se viu, uma menina se aproximar de um menino. Você fez certo de ficar quietinha.

NANÁ

Então, eu pedi pro Cauê. Ele era bom de fazer amigos.

CAUÊ

Eu chamei ele pra jogar bola com a gente, mas ele não quis. Ele me falou que não sabe jogar bola, que não gosta.

NANÁ

Ele não sabia jogar bola, nem dançar. Não gostava de samba e muito menos de carnaval. Alguns diziam que ele não era negro “legítimo”. Mas ele é negro, eu sei, eu vi. O brilho da sua pele não nega e o olhar das pessoas confirma. Por que ele não seria um negro de verdade? Ele é de verdade, eu sei eu vi!¹⁴⁵

ESPELHO

Ele não sabia o que era... um menino revoltado. Não sabia ser negro, mas também não queria ser branco.

NANÁ

Ele só queria viver a vida dele... sem se preocupar muito com as rotulações.

DIOGO

Na escola, no trabalho... em qualquer lugar que eu vou as pessoas me olham torto, me olham atravessado. Mas eu não ligo não, Naná. Eu que não vou mudar meu rumo por causa dessa gente que se acha superior. Sou negro e assim vou seguindo a vida.

¹⁴⁵ “A atribuição destas características lúdicas e coletivamente irresponsáveis, e portanto, não sérias, ao futebol e ao povo brasileiro é a demonstração que a comunidade imaginada representada por ele está baseada na naturalização de características culturais, o que por sua vez pode ser entendida como um efeito colateral da discriminação racial no futebol, e das próprias relações raciais no Brasil” (SOUZA, 1996, p.125).

NANÁ

Eu e o Cauê ficamos amigos do Diogo. Ele ia pro campo comigo, ver os meninos jogar bola. A gente conversava muito... E foi conversando com ele, entendendo um pouco da vida dele que eu comecei a questionar a Educação Física. Se o futebol era tão “natural” do negro, quem explicaria o caso do Diogo? Se é “natural”, tem que estar em todos os negros, certo? Isso me rendeu várias conversas com minha mãe, com Cauê e com Diogo.

DIOGO

Eu nunca gostei de jogar bola. Sei lá... não gostava. Teve um professor meu de Educação Física uma vez que me falou que eu estava indo contra a minha natureza. Ele queria me obrigar a jogar bem. Ele falava que o futebol estava em mim, na minha raça... que eu precisava honrar o futebol brasileiro¹⁴⁶. Acho que eu fui uma decepção pra ele.

CAUÊ

É estranho, né Naná? Um negro não gostar de futebol. Nem assistir, ele assistiu, você sabia? Eu juro que nunca tinha conhecido um negro assim: não gosta de futebol, de samba e de carnaval. É muito estranho!

NANÁ

Eu não achava tão estranho assim. Pra falar a verdade, o que eu realmente achava estranho era essa obrigatoriedade do negro jogar futebol, da mulher negra saber sambar e ter um corpo violão¹⁴⁷. Era isso o que realmente incomodava!

¹⁴⁶ “O jogo dos brasileiros é aquele que parece ter atingido o mais alto grau de refinamento. Suas equipes compreendem um grande número de jogadores de cor, que praticam um futebol instintivo, um futebol no estado de natureza, poder-se-ia dizer, tanto seus movimentos, gestos, mobilidade são fáceis e desenvoltos. O que nós tomamos por refinamento não é senão a expressão de suas aptidões naturais, de um gosto inato pela manipulação da bola. As qualidades de flexibilidade das quais fazem prova são bem as de sua raça (...)” (SOUZA, 1996, p.122).

¹⁴⁷ Filho, em sua pesquisa sobre a relação entre o turismo sexual de Salvador e a construção da identidade das mulheres negras, percebe a exigência do “corpo violão”. “...muitas candidatas ao status de ‘mulatas do Sargentelli’ [tipo exportação] perdem a vaga nos cursos (...) por não estarem dentro de alguns pré-requisitos indispensáveis: ‘corpo tipo violão, bundinha empinada e cintura fina’. Ou entram nos padrões ou não servem como ‘mulatas tipo exportação’” (FILHO, 1996, p.56).

ANDRESA MARIA

Mas não foi sempre assim não, minha filha! O negro nem sempre foi “naturalmente” bom para o futebol. Ele já foi considerado o motivo de derrotas, Naná.

NANÁ

Dessa eu não sabia. Acho que era o que faltava pra eu compreender quer “ser negro, no Brasil, é mais do que um dado biológico. É uma construção histórica e política.”¹⁴⁸ Até a tão naturalizada vocação para o futebol era histórica., era cultural! Eu sabia que as minhas perguntas iam ser respondidas.

ANDRESA

Foi assim na copa do mundo de 1950 e de 54. Seu avô me falava muito disso, Naná. “Na copa de 1950, disputada no Brasil, a derrota para o Uruguai na final foi atribuída à falta de hombridade, e a fatores raciais. (...) Foram considerados os maiores culpados da derrota brasileira: o goleiro Barbosa, que teria falhado no segundo gol no Uruguai, e o jogador Bigode, que teria levado um tapa de Obdulio Varela, capitão do time uruguaio, ambos escolhidos, justamente, por possuírem ascendência negra.”¹⁴⁹

NANÁ

Eu estava me deliciando com mais descobertas.

ANDRESA MARIA

“Na copa de 1954 na Suíça, a seleção brasileira foi eliminada pela da Hungria, e novamente a culpa da derrota foi atribuída ao medo, e à ‘tremedeira’ dos jogadores brasileiros, na maioria negros e mulatos.”¹⁵⁰

NANÁ

Todas as palavras da minha mãe encaixavam-se perfeitamente nas minhas dúvidas, nas minhas inquietações.

¹⁴⁸ GOMES, 2001, p.91.

¹⁴⁹ SOUZA, 1996, p.125.

¹⁵⁰ SOUZA, 1996, p.126.

ANDRESA MARIA

“Somente na copa de 1958 na Suécia, quando o futebol brasileiro começou a obter sucesso nas suas ambições internacionais, foi que o negro e o mulato conseguiram serem aceitos pelo pensamento social brasileiro (...). Houve, portanto, um esquecimento construído do papel do negro nas copas antecedentes.”¹⁵¹

NANÁ

Eu pude perceber que as características definidas como “naturais” no negro ora eram usadas pra glorificá-lo, ora pra depreciá-lo. Ora integrava, ora marginalizava.¹⁵² O natural era definido de acordo com o resultado. “Perdíamos porque éramos um povo mestiço (‘emocionalmente instáveis’, ‘moralmente fracos’), vencíamos porque éramos um povo mestiço (‘cheios de ginga e malícia’, ‘artístico’, ‘musiciais’)”¹⁵³ E a Educação Física em nenhum momento falou disso. Era tudo muito naturalmente explicado, tudo muito inato do negro!

ANDRESA MARIA

Olha só, Naná... vem ver o que eu achei nas coisas do seu avô.

NANÁ

Era um jornal de 1954. Falava sobre a derrota brasileira.

ANDRESA MARIA

“(...) mas a franqueza que nos leva a reconhecer o empenho de cada um dos nossos jogadores naquele embate, convence-nos de que alguma coisa faltou, alguma coisa que, em forma de desequilíbrio dos nervos, não lhes permitia aliar ao seu desejo de vitória uma atuação firme, eficiente e produtiva. Confessamos não poder fixar aqui, para não

¹⁵¹ SOUZA, 1996, p.126 e 127.

¹⁵² “(...) durante um século, desde sua introdução aqui, o futebol funcionou ora como elemento integrador (louvando as características negras e mestiças do nosso futebol, como ‘ginga’, ‘malícia’ e ‘arte’), ora como diferenciador (ressaltando as velhas idéias de inferioridade negra, incapacidade mulata). Conquistas e derrotas brasileiras marcavam em nível mundial os avanços e recuos do processo” (GORDON apud SOUZA, 1996, p.125).

¹⁵³ GORDON apud SOUZA, 1996, p.127.

avançarmos em terreno estranho e perigoso, as causas talvez raciais, talvez morais, talvez sentimentais que possam ter influído para tal estado de coisas”.¹⁵⁴

NANÁ

Quanta coisa implícita naquele jornal! Eu tive vontade de levá-lo na aula de Educação Física... mas eu pensei que não era a hora ainda. Eu também queria muito conversar com o Cauê sobre isso. A primeira pessoa com quem eu falei das minhas descobertas foi o Diogo.

DIOGO

É, Naná... pra você ver... não há nada de errado comigo. Errado é essa crença de que negro só é bom pra samba e futebol. Errado é as pessoas acreditarem que a valorização do negro pelo futebol é uma demonstração da igualdade racial. Isso é pura enganação!¹⁵⁵ Não há democracia, Naná. Não tem igualdade!

NANÁ

Continuei descobrindo coisas, até hoje descubro muito. Hoje ainda converso com Cauê, com minha mãe e com o meu eterno companheiro Diogo. Como é gostoso dividir minhas descobertas com pessoas tão especiais! Como é gostoso contribuir com a vida dessas pessoas. Hoje, o que mais pretendo é contribuir. Contribuir para mudança, para transformação. Transformação da nossa sociedade, para uma sociedade mais justa, mais igualitária. Igualitária... Combater o preconceito, a discriminação racial e o racismo... tudo isso tem guiado o meu caminho.

ESPELHO

Você está perdida, Naná! Você não sabe o que está falando.

¹⁵⁴ O Estado de São Paulo, 6/7/54, reproduzido em NOGUERIA, SOARES, MUYLAERT apud SOUZA, 1996, p.126.

¹⁵⁵ “Para Mário filho, a incorporação dos negros como jogadores de futebol no longo do processo de desenvolvimento deste esporte no Brasil, além de fundar o nosso estilo de praticá-lo, demonstraria a ‘democracia racial’ brasileira. (...) É sabido que esta fase de ‘democracia racial’ no pensamento social é marcada pela ocultação dos aspectos socioeconômicos do racismo brasileiro, ao proclamar como um avanço de tolerância racial a inserção do negro em ‘várias’ atividades da vida social nacional” (SOUZA, 1996, p.123).

NANÁ

Eu quero quebrar os espelhos que são dados para que novos espelhos sejam construídos, espelhos que não sejam brancos... espelhos que consigam enxergar o negro e que deixem o negro enxergar a si mesmo.

Naná segue em direção do espelho, que começa a ficar desesperado.

ESELHO

Não faça isso, Naná!

NANÁ

É isso que eu quero. Quebrar espelhos... *(Naná derruba o espelho no chão)* nada mais de reflexos!

"MINHA LUTA É POR UMA
SOCIEDADE DEMOCRÁTICA
LIVRE ONDE TODAS AS
PESSOAS DE TODAS AS RAÇAS
VIVAM JUNTAS EM
HARMONIA E COM OPORTUNIDADES
IGUAIS."

Nelson Mandela

"AGORA É TEMPO PARA
TRANSFORMAR EM REALIDADE
AS PROMESSAS DE
DEMOCRACIA"

Martin Luther King

BIBLIOGRAFIA

CAVALLEIRO, Elaine. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, Elaine (Org.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Summus, 2001. p.141-160.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.

CONSTITUIÇÃO REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL 1988, www.senado.org.br, data de acesso: 28/09/03

DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro, Rocco, 1987.

DAOLIO, Jocimar. *Da cultura do corpo*. Campinas: Papirus, 1994.

FILHO, Antônio J. D. As mulatas que não estão no mapa. In: *Cadernos Pagu* (6-7), 1996, p.51-66.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

----- *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, Elaine (Org.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Summus, 2001. p.83-96.

MENDES, Miriam G. *O negro e o teatro brasileiro*. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Arte e Cultura; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 1993.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Sankofa: educação e identidade afrodescendente. In: CAVALLEIRO, Elaine (Orga.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Summus, 2001. p.115-140.

ROMÃO, Jeruse. O educador, a educação e a construção de uma auto-estima positiva no educando negro. In: CAVALLEIRO, Elaine (Orga.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Summus, 2001. p.161-178.

ROSSATO, Cesar, GESSER, Verônica. A experiência da branquitude diante de conflitos raciais: estudos de realidades brasileiras e estadunidenses. In: CAVALLEIRO, Elaine (Orga.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Summus, 2001. p.11-37.

SANGIRARDI, J. *Deuses da África e do Brasil: Cambomblé & Umbanda*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

SANTOS, Isabel Aparecida dos. A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos. In: CAVALLEIRO, Elaine (Orga.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Summus, 2001. p.97-114.

SILVA, Fernando C. da. *Contos Africanos*. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

SILVA, Maria Aparecida (Cidinha) da. Formação de educadores/as para o combate ao racismo: mais uma tarefa essencial. In: CAVALLEIRO, Elaine (Orga.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Summus, 2001. p.65-82.

SOLIGO, Ângela F. *Crianças negras e professoras brancas: um estudo de atitudes*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 1996.

SOUZA, Andréia Lisboa de. Personagens negros na literatura infanto-juvenil: rompendo estereótipos. In: CAVALLEIRO, Elaine (Orga.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Summus, 2001. p.195-213.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. Negritude, letramento e uso social da oralidade. In: CAVALLEIRO, Elaine (Orga.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Summus, 2001a. p.179-194.

SOUZA, Elisabeth Fernandes de. Repercussões do discurso pedagógico sobre as relações raciais nos PCNs. In: CAVALLEIRO, Elaine (Orga.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Summus, 2001b. p.38-64.

SOUZA, Marcos Alves de. Gênero e raça: a nação construída pelo futebol brasileiro. In: *Cadernos Pagu* (6-7), 1996, p.109-152.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.